

REVISTA

ISSN 2448-1068

conexão

Literatura

Dezembro / 2019

Distribuição Gratuita

nº 54

DICAS DE LIVROS,
ENTREVISTAS COM
ESCRITORES,
CONTOS, CRÔNI-
CAS E MUITO MAIS

www.revistaconexaoliteratura.com.br

NESTE NATAL
DÊ LIVROS DE PRESENTE

FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES



SUMÁRIO

DEZEMBRO DE 2019

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03

Literatura: Luzia-Homem - Marco Zero do Regionalismo, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 05

Poema: Poço da Alma, por Roberto Schima, pág. 08

Dicas de livros, pág. 09

Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 11

As Sutilezas da Poesia Obducta, por Luiza Moura, pág. 12

Artigo científico: "Três olhares convergentes sobre magistério, (não) docência e profissionais da educação no Brasil: alguns entrecruzamentos sinérgicos-consensuais", por Marcos Pereira dos Santos; Wesley Cabral e Marlene Scudlarek, pág. 15

JackMichel reúne 18 contos fantásticos em seu livro Lobistratusdilapirulobis, por JackMichel, pág. 21

Entrevista com a escritora Marina C. S. Santos, pág. 25

Entrevista com a escritora Roseane Sousa, pág. 29

"Natalino Poema Natalino", por Marcos Aurélio Gomes e Marcos Pereira dos Santos, pág. 34

Especial de Contos Natalinos - Casa Projetos Literários:

As Viagens de Zequinha Numa Noite de Natal, por Márcia Feitosa, pág. 37

Natal Encantado no Reino de Scamonis, por Marcela Franca, pág. 40

Microcontos de Cenas Natalinas, por Mayanna Velame, pág. 43

Conto: "O Último Natal", por Míriam Santiago, pág. 47

Conto: "Juntos Para Sempre", por Roberto Schima, pág. 51

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 66

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição: Míriam Santiago - Roberto Schima - Marcos Pereira dos Santos - Gilmar Duarte Rocha - Luiza Moura - Editora Orel Books - JackMichel - Casa Projetos Literários - Wesley Cabral - Marlene Scudlarek - Marina C. S. Santos - Roseane Sousa - Marcos Aurélio Gomes

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura

LIVRODESTAQUE

Especialista em divulgação de livros e autores

Veja dicas incríveis para uma boa divulgação do seu livro, acesse

www.livrodestaque.com.br



EDITORIAL

A nossa última edição do ano destaca o incentivo à leitura com a frase em nossa capa “Neste Natal dê livros de presente”, pois o livro desperta a curiosidade, engrandece a alma e pode morar dentro de nós. Sem dúvida, é um presente que vale muito a pena.

E como não pode faltar em nossas edições: novos contos, crônicas, dicas incríveis de livros, entrevistas e muito mais.

Nós da revista Conexão Literatura desejamos um Feliz Natal e um próspero Ano Novo. Que Deus esteja contigo e sempre ilumine o seu caminho.

Para saber como participar das nossas próximas edições, clique no link: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Visite o nosso site

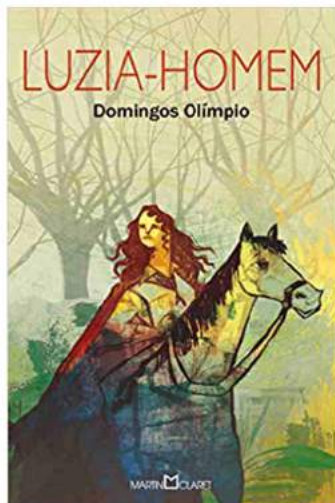
www.revistaconexaoliteratura.com.br

**— *visão* —
conexão
LITERATURA**



Ademir Pascale
Editor-chefe





LUZIA-HOMEM - MARCO ZERO DO REGIONALISMO

por Gilmar Duarte Rocha



Domingos Olímpio

Literatura

Na transição do romantismo para o realismo, no panorama da literatura brasileira do final do século 19 e início do século 20, registra-se com clareza a forte influência da escola europeia, a francesa, em especial, a inglesa e a portuguesa, sobressaindo entre os lusitanos Eça de Queirós, este, por simbiose, também influenciado por Flaubert e seus correligionários. Tangenciando esse novo e criativo estilo de compor prosas, onde predomina a fidedignidade da realidade, o objetivismo, o materialismo, a veracidade, o universalismo e cientificismo, surgia no Brasil um gênero congênere, denominado de naturalismo, onde o prócer desse apêndice do realismo seria sem sombra de dúvidas o cearense Domingos Olímpio (1850-1906), natural de Sobral, bacharel em Direito pela Universidade de Recife, tendo feito carreira como jornalista, promotor público e deputado pela Assembleia provincial cearense. Trabalhou algum tempo no Pará e, por motivos profissionais, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde exerceu advocacia e escreveu sobre assuntos políticos e literários para diversos periódicos da então capital federal.

Após publicar algumas obras de ficção, dramas de teatro, livros de história e biografias, que não obtiveram muito êxito de público, lança à luz, apenas três anos antes de sua morte, o romance Luzia-Homem, que seria sua obra definitiva e um símbolo na trajetória do naturalismo-realismo, corrente literária que teve outros escritores de revelo como Inglês de Souza (Contos amazônicos; Os missionários), Aloísio de Azevedo (O mulato; O cortiço), Raul Pompeia (O ateneu), Adolfo Caminha (Bom crioulo) e Aderbal de Carvalho (A noiva).

Luzia-Homem, além de trazer todos os ingredientes do naturalismo, como a relação nem sempre harmoniosa entre o homem e a sociedade, descrições minuciosas, problemas sociais e patologias humanas como crime, traição e adultério, insere no contexto literário brasileiro o romance de região em toda a sua profundidade, descortinando para o leitor – cosmopolita em sua maioria – um habitat desconhecido e o modus vivendi pessoas de um lugar que ele (o leitor de então) apenas imaginava em lenda ou, para aqueles que leram Os sertões, de Euclides da Cunha, publicado um ano antes, a transposição em novela

da segunda parte da magistral epopeia euclidiana.

O livro de Domingos Olímpio conta a história de uma bela e rude mulher retirante da seca, que se estabelece na cidade de Sobral no ano de 1876, já na época um oásis de prosperidade no meio do deserto áspero, desolado e carente do nordeste do Brasil. Ela transporta na sua bagagem a rudeza e a austeridade da mulher sertaneja, pouco afeita a tarefas preconcebidas para as moças da cidade, o que a faz, de imediato, objeto de comentários jocosos e ínvios, como:

“Aquilo nem parece mulher fêmea”, observava uma velha alcoviteira e curandeira de profissão. “Reparem que ela tem cabelos nos braços e um buço que parece bigode de homem...”

Era o tipo de mexerico recorrente entre as damas do lugar, sem contar avaliações singulares, como a do personagem Paul, “um francês misantropo e excelente fabricante de sinetes”, como o define o autor:

“Passou por mim uma mulher extraordinária, carregando uma parede na cabeça”

Hipérboles como essa gravitam em todo o enredo, pois Luzia não se limitava a tarefas domésticas, afeitas a mulheres de origem humilde da época, como serviços caseiros de limpeza; cozinha; plantação e regado de hortas; cuidadora de animais de quintal; fazedora de renda; artesã de artigos de palha, cipó e barro e outras coisas similares. Luzia não: era vista ora conduzindo numa tábua sobre a cabeça cinquenta tijolos arrumados para uso numa obra; ora carregando no ombro uma enorme jarra d’água com peso equivalente a três potes; ou removendo sozinha uma soleira de granito da porta de uma prisão, trabalho recusado por

peões robustos e de boa compleição física; enfim, tinha afinidade com trabalhos hercúleos, mais adequados a tipos rijos e másculos.

Mas Luzia, embora fizesse questão de ostentar esse invólucro, trazia no seu âmago a candura e a doçura da mulher, qualidades que lhe eram acrescidas por uma beleza agreste, diferente, exótica, que chamava à atenção de homens sensíveis, como o personagem Alexandre, por quem devota um amor platônico, como também por homens desprovidos de sensibilidade alguma, como o rude e escuso soldado Crapiúna, que passa a persegui-la desde a primeira vez que a encontra. Em princípio paparicando-a com palavras de bajulice e lisonja. Depois, com missivas de cunho fanático e doentio:

“Minha Santa Luzia – Esta tem por fim unicamente dizer-lhe que há de se arrepender da sua ingratidão, e quem lhe diz isso é o seu amante fiel até a morte – Crapiúna”

Por fim, quando o homem vê que o seu amor obcecado não tem retorno, não é correspondido, passa a ameaçar o seu objeto de desejo com expressões de ranço de ódio e vingança:

- Foi o diabo que te atravessou no meu caminho. É a última vez que me empatas, peitica do inferno!

Enfim, afora o enredo ser regado de invidias e emulações; de encontros e desencontros de sentimentos; de artimanhas e ardis; de devoções e covardias, o escritor acaba construindo um amplo painel de personagens brotados do horror da seca. Uns, sôfregos por uma vida de honradez; alguns, calejados e conformados com o mormaço e a aridez de oportunidades; outros, deformados pela cultura

incipiente e ausência absoluta de civilização. Com efeito, uma obra espantosa para os padrões literários da época e que, por certo, serviu de norte para uma geração talentosa de letrados nordestinos que despontaria trinta anos depois. Gente da casta de José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e outros. Aliás, todos eles bem orientados pela doutrina sustentada por Gilberto Freyre, “que defendia a emancipação da literatura brasileira dos laços que a prendiam ao estilo europeu de costurar peça de ficção,”¹ laços esses que nem os modernistas de 1922 conseguiram romper, já que a base da escrita deles tinha como esteio o futurismo do italiano Marinetti.

Em relação à crítica, o romance *Luzia-Homem*, embora considerado clássico e de grandeza incontestada, foi recebido com algumas reservas por parte dela, “o principal defeito do romance consiste no desnível entre a concepção e execução, na grandeza daquela, na franqueza desta”, como observou Lúcia Miguel Pereira. “Em *Luzia-Homem* há defeitos,

do autor, da escola, da época. Psicologia fraca, frequentemente demasiada crueza, nem sempre adequado, às vezes vibrante e excessivamente requintado”, como atestou Afrânio Coutinho, embora ele próprio tenha arrematado “que o romance tem lugar certo na galeria do regionalismo brasileiro”, opinião também corroborada pelo escritor e crítico Sérgio Milliet.

Por conclusão, ainda que haja imperfeições estruturais na composição da peça *Luzia-Homem* – o que se poderia dizer assertivamente do romance *O cabeleira*, do carioca de nascimento e pernambucano por adoção, Franklin Távora, que pecou pela descontinuidade e pela redundância, o que impediu, na minha modesta opinião, que o seu produto galgasse o posto de gênese do romance regional -, o livro de Olímpio configura-se definitivamente o marco zero de um gênero rico em probabilidades para a criação de tipos humanos e de horizontes vastos e infinitos para expansão das asas da imaginação, como Guimarães Rosa bem o materializou.

1- ABC de José Lins do Rego – Bernardo Buarque de Holanda – Editora José Olympio

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasiliense de Letras, é autor de sete livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Acaba de mandar para o prelo mais uma cria literária, *O berço de Judas*, romance que deve ser lançado em novembro deste ano.

POÇO DA ALMA

POR ROBERTO SCHIMA

**Escureção densa e fria,
Atemoriza,
Fascina,
Ojeriza,
Ensina.**

**Prendemos a respiração,
Sentimo-nos mergulhar.
Sombras incorpóreas.
Éter... Etéreas.**

O sismo.

O Abismo.

**Porém, não raras vezes,
Ao invés de emergir,
Tirarmos o capuz,
Optamos por ficar.
Despedimo-nos da Luz,
Começamos a inalar.**

Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que hoje me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: Google, Yahoo ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2)

[text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2](https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551)

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscmonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSziV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br

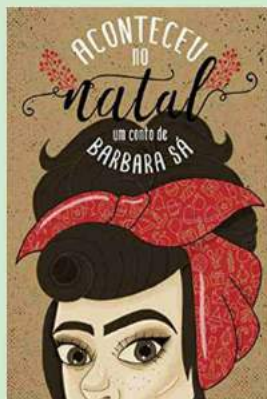
DICAS DE LIVROS

Especial de Natal



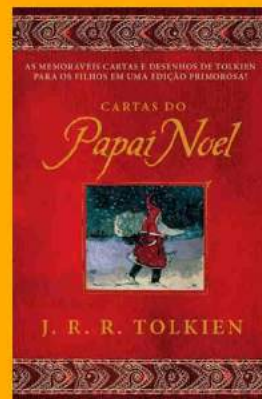
Um conto de Natal
Charles Dickens

Acesse



Aconteceu no Natal
Barbara Sá

Acesse



Cartas do Papai Noel
J. R. R. Tolkien

Acesse



Em casa para o Natal
Cally Taylor

Acesse



A pequena vendedora de fósforos
Hans Christian Andersen

Acesse



O mistério do Natal
Raniero Cantalamessa

Acesse

“O amor não se vê com os olhos mas com o coração.”
– William Shakespeare

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





O Natal de Charlie Brown

Acesse



O Quebra-Nozes
Alexandre Dumas e
E.T.A Hoffmann

Acesse



Como o Grinch roubou o Natal
Dr. Seuss

Acesse



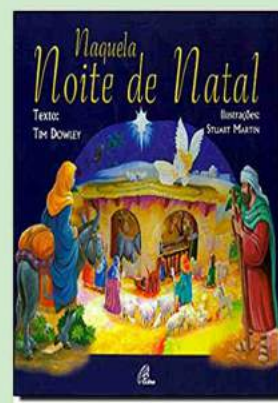
Bate o sino pequenino
Francesca Crespi

Acesse



A véspera do Natal
Clement Clarke Moore

Acesse



Naquela noite de Natal
Tim Dowley

Acesse

“A verdadeira felicidade está na própria casa, entre as alegrias puras da família.”
– Léon Tolstói

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



conexão Literatura

Visite Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

www.submersaempalavras.com

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.encantoliterario.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

bibliotecadeumaprofessora.blogspot.com

www.livreando.com.br

coleccionadoromances.blogspot.com.br

ateaultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

Instagram: @biblioteca_deumaprofessora

www.cafeinaliteraria.com.br

Curta nossa Fanpage:

www.facebook.com/conexaoliteratura



Visite nosso site:

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Luiza Moura, Alfredo e Maria das Graças

Por Luiza Moura

AS SUTILEZAS DA POESIA VIVA OBDUCTA

Artigo

Sou Luiza Moura e já escrevo para a Revista Conexão Literatura há algum tempo e dessa vez resolvi fazer algo bastante diferente. Trago para vocês um Projeto incrível que envolve a literatura e vem sendo realizado aqui na Bahia. Trata-se da escrita de um livro por alunos de segundo e terceiro semestres do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Feira de Santana, fruto da iniciativa do Professor Alfredo de Moraes. Fui convidada, na qualidade de revisora e fiquei realmente encantada com essa ideia. Para mim será uma honra imensa poder também contribuir para o desenvolvimento de algo tão relevante para todos. Acho extremamente fascinante ver professores e instituições que valorizam a qualidade da formação

dos seus alunos e entendo o poder de transformação que a literatura tem. Alfredo de Moraes Neto é Coordenador do Curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras e docente da matéria Metodologia do Trabalho Científico em Psicologia e segundo ele por pensar sempre em metodologias ativas ou metodologias invertidas, onde o aluno é protagonista da sua história e, principalmente por se perceber aprendendo sempre enquanto pratica, acredita ser a escrita o melhor método para o desenvolvimento de qualquer trabalho. O mesmo também já escreve há bastante tempo e por isso resolveu inserir os alunos em algo mais profícuo onde se eternizariam e daí surgiu a ideia do desenvolvimento de um livro falando sobre o “eu”, as relações com o mundo e

o alimento, que ainda, segundo ele, é algo bem próprio da modernidade, pelo sentido atribuído a todo esse contexto. Alfredo completa: “O intuito do desenvolvimento de um livro com os alunos de 2º e 3º semestres, do curso de psicologia da Faculdade Pitágoras, nasceu do desejo de fazer diferença na matéria de metodologia da pesquisa em psicologia. Minha ideia foi a de fomentar nestes discentes o desejo por uma escrita mais “vívida”.

Tão simplesmente, chegar em uma sala de aula e expor normas e técnicas, não satisfazem meu desejo no ensinar. Creio que ser professor, é ser um instrumento de transformação, e com isso, pensar em transformá-los de estudantes a escritores, faz crescer em mim uma emoção sem igual. O livro se divide em 8 capítulos, tendo como título “O eu, minha relação com o mundo e com o alimento”

Maria das Graças Cardoso Moura é Diretora Geral da Faculdade Pitágoras de Feira de Santana, Bahia e se diz extremamente feliz por ver esse projeto se desenvolvendo, até porque a Instituição já trabalha bastante com esse modelo de metodologia invertida, onde os alunos são protagonistas e precisam se “empoderar” dos conhecimentos necessários para sua formação profissional. Ela completa que esse desafio da escrita do livro faz com que os alunos tenham mais um lugar para vislumbrar uma ação profissional. Alguns alunos também se manifestaram sobre o assunto:

“Tem a importância de contribuir com o nosso conhecimento, habilidades na escrita e no desenvolvimento da nossa mente.” Jaiara Rodrigues.

“A importância de escrever um livro é, que além de ampliar conhecimento e transmitir para o leitor, você também está marcando na história seu legado.” Iasmyn vitória

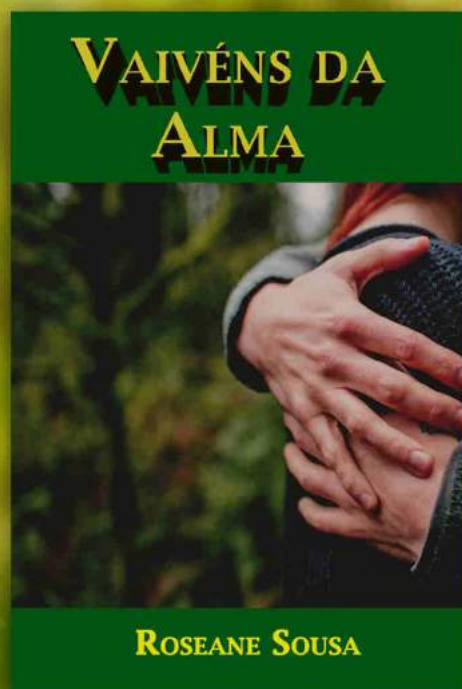
“A importância de nós alunos escrevermos um livro é que, além de abriremos os nossos olhos para novos horizontes através desta escrita, ela irá trazer conhecimento e, sem contar na grande e fantástica experiência que iremos levar para toda vida.” Kelly Ferreira.

Por fim, diante de tudo isso que foi exposto, justifico a ausência do meu texto poético para essa edição e trago aqui a poesia viva através dessa belíssima experiência. Novamente volto a salientar o meu orgulho, por poder contribuir um pouco para o desenvolvimento desse projeto e parabeno todos os envolvidos, destacando especialmente o principal responsável para que isso tudo esteja ocorrendo, Professor Alfredo. Menciono ainda a minha admiração pelo excelente trabalho da Direção da Faculdade Pitágoras de Feira de Santana, muito bem representada pela Maria das Graças, A Gal, como é carinhosamente chamada por todos, uma mulher que estimula e valoriza muito os seus profissionais e alunos.

Sou Luiza Moura, nunca escondo o meu amor pelo estudo da mente humana, meu amor pelo ser humano. Sou também uma amante das artes e acredito na poesia como oxigênio para a alma. Sempre em busca de novos aprendizados, não acredito no conhecimento que fica inerte dentro de nós e penso que este só tem validade quando compartilhamos e principalmente quando podemos ajudar o próximo. Instagram: @luiza.moura.ef

Vaivéns da Alma

ROSEANE SOUSA



"Já se expusera demais para um único dia. Contraditoriamente, foi mais fácil com estranhos do que com sua mãe. Estranhos eram, para ela, pessoas vazias. Vazias como ela se sentia. Estava agora, porém, diante da pessoa que lhe dera a vida. Vida essa que ela duvidava que ainda existisse. Um sentimento difuso e incômodo fermentava dentro dela, ali, diante de sua mãe sedentã por informações. Olívia precisava ser cuidadosa. Mas, como ter cuidado? Não estava em condições de elaborar um discurso cauteloso. Não estava em condições de elaborar os próprios pensamentos. Então, despejou, de uma só vez, sem mudar a expressão nem o tom de voz:
— Fui estuprada."

Diz o ditado que "o tempo cura todas as feridas"
Cura mesmo? Ou apenas as encobre? Algumas feridas nascem com a gente. Outras, adquirimos no desenrolar da vida. Há feridas que rasgam a carne... e outras que dilaceram a alma. Com todas é preciso aprender a lidar.

Dados técnicos:

Título: Vaivéns da Alma

Autora: Roseane Sousa

Disponível na Amazon

Páginas: 560

Editora: Orel Books

Instagram: @roseanesousa78 - <https://www.instagram.com/roseanesousa78>

Facebook (página): Roseane Sousa - Literatura - https://www.facebook.com/roseane-sousaliteratura/?view_public_for=109771703722532

ADQUIRA JÁ. ACESSE



Três olhares convergentes sobre magistério, (não) docência e profissionais da educação no Brasil: alguns entrecruzamentos sinérgico-consensuais



Por Marcos Pereira dos Santos; Wesley Cabral
e Marlene Scudlarek

Artigo Científico

Educação e educações (BRANDÃO, 1981), magistério, docência e profissionais do ensino: um quarteto perfeito!!!

A cada ano civil, especificamente na data de *15 de outubro*, se comemora, segundo o calendário letivo escolar de cada instituição educacional, o “*Dia do(a) Professor(a)*”.

Trata-se, grosso modo, do dia célebre em que se homenageia(m) a todos(as) os(as) profissionais da educação (MARQUES, 2006) – também denominados profissionais do ensino (LEMBO, 1975), trabalhadores da educação (MÉSZÁROS, 2006) ou intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 1991) – que realizam funções burocráticas e didático-pedagógicas em diferentes instâncias da educação escolar, seja na Educação Básica – formada pela Educação Infantil, pelo Ensino Fundamental e pelo Ensino Médio (BRASIL, 1996), seja na Educação Superior, abrangendo os eixos/pilares indissociáveis do ensino e da pesquisa científica em cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e de tecnologia) e/ou de pós-graduação *lato sensu* (especialização) e *stricto sensu* (mestrado acadêmico e profissional, doutorado acadêmico, pós-doutorado (PhD) e livre-docência), e também no âmbito da extensão universitária, junto a cursos de curta duração, minicursos, palestras públicas, oficinas pedagógicas, *workshops*, rodas de conversa, visitas técnicas, seminários, conferências, congressos, encontros temáticos, semanas pedagógicas, dentre inúmeros outros eventos acadêmico-científicos de natureza similar; conforme postulam Calderón; Pessanha e Soares (2007) e Santos (2010; 2016).

O “*Dia do(a) Professor(a)*”, em geral, não é uma data de feriado nacional (mas apenas escolar e acadêmico/universitário), em específico, embora devesse assim o ser,

meritória e merecidamente, dada a complexidade do trabalho burocrático e didático-pedagógico – docente e não docente – desenvolvido pelos(as) profissionais da educação em geral, a saber: pesquisadores(as) em educação, educadores(as), professores(as) de diferentes áreas do saber científico e disciplinas curriculares, pedagogos(as), psicopedagogos(as), neuropsicopedagogos(as), gestores(as) escolares, diretores(as)/administradores(as) escolares, coordenadores(as) pedagógicos(as), supervisores(as) e orientadores(as) educacionais, inspetores(as) escolares, etc.

Vale ressaltar aqui que o trabalho docente, desenvolvido nos espaços educativos escolares e acadêmico-universitários, realiza-se prioritariamente em salas de aula e/ou laboratórios de ensino (CONCEIÇÃO; BERTONCELI, 2017), sendo de competência exclusiva dos docentes, ou seja, de professores(as) que possuem licença para o exercício deste ofício, devendo assim terem formação escolar em nível de Ensino Médio em curso técnico-profissionalizante de Formação de Docentes (antigo curso Normal ou de Magistério) para atuar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano do Ensino Fundamental – antiga pré-escola e 1ª a 4ª série do ensino primário) ou formação acadêmica/universitária em cursos de graduação (licenciatura) em diferentes áreas do conhecimento científico, capacitando-os a lecionar no Ensino Fundamental II ou Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano do Ensino Fundamental – antiga 5ª a 8ª série do ensino colegial/ginásial), no Ensino Médio e também no Ensino Superior (de acordo com as exigências de titulação acadêmica solicitadas).

Além de os(as) profissionais da educação (licenciados/as), em particular, outros(as) profissionais (bacharéis e tecnólogos/as) com diplomação acadêmica/universitária em nível de cursos de formação complementar de licenciatura (segunda licenciatura) e/ou de pós-graduação *lato sensu* (especialização) e *stricto sensu* (mestrado, doutorado, pós-doutorado e livre-docência) nas diferentes áreas do saber científico também podem lecionar tanto na Educação Básica quanto na Educação Superior, seja em cursos de graduação e/ou pós-graduação.

Portanto, o magistério, em sentido abrangente e etimológico, cujo “[...] termo se originou a partir da palavra latina *magisterium*, que significa dignidade, meio de curar, tratamento ou trabalho de chefe” (HERNANDEZ, 1997, p.118), é o nome dado especificamente para o cargo de educador(a) e professor(a), isto é, de docente propriamente dito, envolvendo todas as suas atividades burocráticas, didáticas, pedagógicas e metodológicas inerentes a esta brilhante, preciosa e belíssima profissão; a qual tem sido, segundo apontam estudos científicos realizados por Araújo e Cunha (2013) e Cunha (2012), cada vez mais desvalorizada e relegada a segundo plano nos dias atuais, dadas as péssimas condições salariais e de plano de carreira do magistério público e privado, o desinteresse demonstrado pelos órgãos governamentais (federal, estadual e municipal), a falta de motivação de estudantes secundaristas para a escolha do ofício de educar e ensinar, dentre outros fatores correlacionados.

À guisa de exemplificação, é relevante comentar que, além do magistério educacional (magistério da Educação Básica – magistério da Educação Infantil, magistério do 1º grau ou do Ensino Fundamental e magistério do 2º grau ou do Ensino Médio; magistério de 3º grau, universitário, da Educação Superior ou do Ensino Superior; etc.),

temos também o magistério da igreja (católica), que é formado pelas pessoas que se vinculam ao Episcopado ou ao Supremo Pontificado. Analogamente ao magistério educacional, o magistério da igreja também se refere à função de ensinar, haja vista que tem como objetivo repassar a Palavra de Deus e os ensinamentos de Jesus Cristo por meio das Sagradas Escrituras aos fiéis católicos.

Assim sendo, podemos dizer, corroborando com Hernandez (1997), que dentre as principais funções do magistério está a o exercício da docência, ou seja, a educação (ato de educar) e o ensino, que é tarefa prioritária dos(as) educadores(as) e professores(as) em geral de todos os níveis (Educação Infantil, Ensino Fundamental (I e II), Ensino Médio e Educação Superior) e modalidades de ensino (Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), Educação Profissional e Tecnológica, Educação Especial Inclusiva, Educação no/do Campo, Educação Quilombola, Educação Indígena, Educação em Espaços Prisionais ou de Privação da Liberdade, Educação para a Paz, Educação e Pedagogia Social, Educação para as Relações de Gênero, etc.). (BRASIL, 1996)

Face ao exposto, torna-se profícuo enfatizar, de forma reiterativa, que a atividade docente ocorre, especificamente, no âmbito das salas de aula e/ou dos laboratórios didáticos de ensino e aprendizagem escolares e acadêmico-universitários, em conformidade com o que assevera Conceição e Bertoneceli (2017). Nesse sentido, “docente é aquele(a) profissional da educação que se dedica à função precípua de educar e ensinar, bem como à tarefa de ministrar aulas, lecionar”. (MELLO, 1985, p.23)

Por outro lado, o trabalho desenvolvido pelos(as) pedagogos(as) escolares e demais ‘especialistas em educação’ – inspetores(as) escolares, diretores(as)/administradores(as) escolares, supervisores(as) e orientadores(as) educacionais, dentre outros(as) (ASSIS, 2007) – diz respeito à tarefa de fornecer o suporte didático-pedagógico e metodológico necessário aos discentes, educadores(as), professores(as), pais de alunos(as) e demais integrantes da comunidade escolar e acadêmica-universitária.

Isto implica afirmar, outrossim, que tais ‘especialistas em educação’ exercem, nas escolas de Educação Básica, nas faculdades e universidades, nos institutos de educação e nos espaços formativos de educação não formal (empresas, fábricas, hospitais, quartéis, presídios, sindicatos, organizações não governamentais (ONGs), igrejas, asilos, albergues, dentre outros), diferentes atividades educacionais não docentes, ou seja, de cunho burocrático, técnico ou administrativo; quais sejam, por exemplo: administração/direção escolar, gestão pedagógica, supervisão escolar, orientação educacional, inspeção escolar, coordenação pedagógica, assessoria pedagógica, legislação educacional, censo escolar, biblioteca escolar, videoteca escolar, ludoteca escolar, brinquedoteca escolar, psicopedagogia clínica e escolar, neuropsicopedagogia escolar, etc.

Diante do panorama delineado, é possível assegurar que magistério, docência, não docência e profissionais da educação são elementos que estão diretamente correlacionados, coexistindo, de acordo com Ghiraldelli Júnior (1991), de forma implícita ou explícita desde a Grécia antiga, com a figura dos “escravos pedagogos” (escravos eruditos que tinham a tarefa de conduzir as crianças aos locais de conhecimento) e dos preceptores (homens cultos cuja função era instruir os jovens abastados economicamente), até os dias de hoje, onde temos a presença de diferentes profissionais

da educação oriundos(as) das áreas de Educação em geral e Pedagogia e(m) seus múltiplos sub-ramos.

Revisitando a história da formação de professores(as) e ‘especialistas em educação’ para atuação em diferentes níveis e modalidades de ensino, no Brasil, em especial, observa-se que esse processo formativo sempre foi marcado por um (longo) caminho de avanços (potencialidades e possibilidades), conquistas, mazelas (agruras/dificuldades), limitações, recuos, desafios e perspectivas norteadoras.

Entretanto, é preciso (re)lembrar constantemente que o contexto educacional é uma “via de mão dupla”, visto que a escola é uma instituição de função socioeducativa (FELIZ; SANTOS, 2018) e uma organização aprendente (FULLAN; HARGREAVES, 2000; SENGE *et al*, 2005), pois, nesse constructo processual, segundo Freire (2000), os(as) docentes são desafiados(as) a perceber sua dimensão *dodiscente* (de *ensinantes-e-aprendentes*), uma vez que ao formarem outrem, também se formam nesse *continuum* processo de formação permanente; dado o fato de que *educar* e *ensinar* não consiste apenas em transferir/repassar informações, conhecimentos e saberes científicos, mas também (re)criar (novas) possibilidades para a sua (re)construção.

Referências:

ARAÚJO, L. C.; CUNHA, R. C. Os homens na docência e a feminização do magistério. In: **Anais do XI Congresso Nacional de Educação EDUCERE**. Curitiba: Editora Champagnat, p.11245-11258, set./2013.

ASSIS, A. E. S. Q. **Especialistas, professores e pedagogos: afinal, que profissional é formado na Pedagogia?** Campinas, 2007. 223 f. (Dissertação de Mestrado em Educação – Pontifícia Universidade Católica de Campinas). *mimeo*.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos – v.20).

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.

CALDERÓN, A. I.; PESSANHA, J. A. O.; SOARES, V. L. P. C. **Educação superior: construindo a extensão universitária nas IES particulares**. São Paulo: Xamã, 2007.

CONCEIÇÃO, C. M. C.; BERTONCELLI, M. A profissão docente na educação infantil: uma análise histórica da constituição de um grupo profissional. In: **Revista Temas & Matizes**. Cascavel: Editora da UNIOESTE, v.11, n.21, p.64-84, jul./dez., 2017.

CUNHA, A. T. B. Sobre a carreira docente, a feminização do magistério e a docência masculina na construção do gênero e da sexualidade infantil. In: **Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul (ANPED SUL)**. Caxias do Sul: Editora da UCS, p.1-11, jul./ago., 2012.

FELIZ, P. N.; SANTOS, M. P. Função socioeducativa da escola e suas relações com o contexto histórico da Grécia clássica. In: **Revista Científica Intellecto**. Venda Nova do Imigrante: Editora da FAVENI, v.3, n.1, p.56-68, jan./jun., 2018.

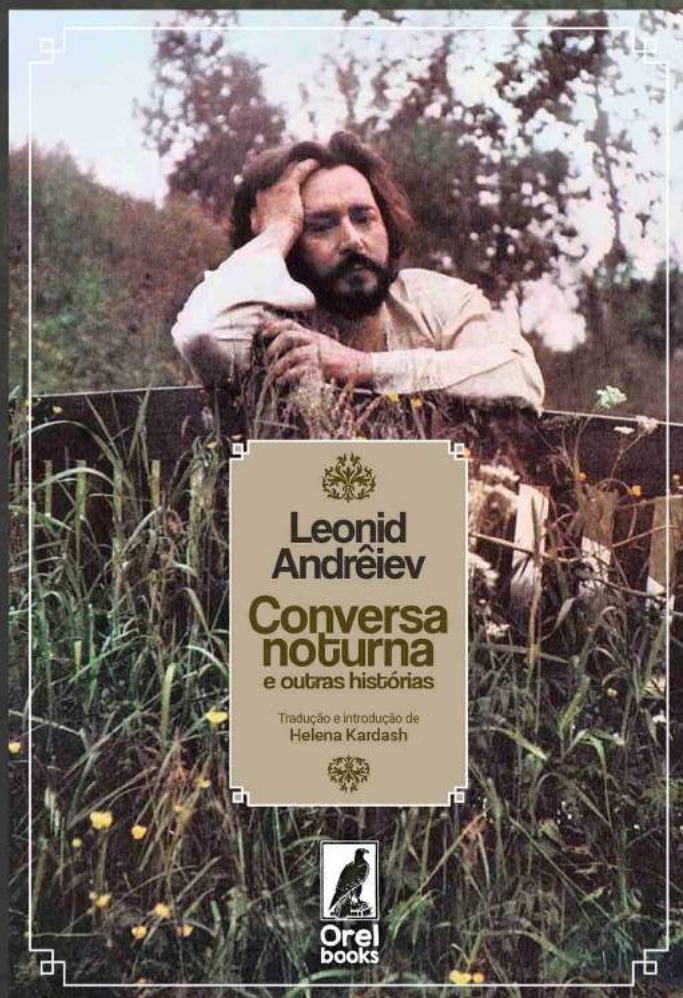
- FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).
- FULLAN, M.; HARGREAVES, A. **A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade.** 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O que é pedagogia.** 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos – v.193).
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- HERNANDEZ, I. R. C. Magistério das séries iniciais. In: BORTOLINI, A. L. (Org.). **Identidade e espaço profissional: monografias das habilitações do curso de Pedagogia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, p.117-126, 1997.
- LEMBO, J. M. **Por que falham os professores.** São Paulo: EPU, 1975.
- MARQUES, M. O. **A formação do profissional da educação.** 5.ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. (Coleção Mário Osório Marques – v.3).
- MELLO, G. N. **Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político.** 5.ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital.** 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2006.
- SANTOS, M. P. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário. In: **Revista Conexão UEPG.** Ponta Grossa: Editora da UEPG, v.6, n.1, p.10-15, jan./dez., 2010.
- _____. Ensino, pesquisa e extensão na universidade brasileira contemporânea: elucidaciones conceituais e articulações na prática educacional. In: **Ideário – Revista Científica do Instituto Ideia.** Rio de Janeiro: Editora do Instituto Ideia, n.1, p.209-225, abr./set., 2016.
- SENGE, P. *et al.* **Escolas que aprendem: um guia da quinta disciplina para educadores, pais e todos que se interessam pela educação.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Pesquisador em Ciências da Educação e Ciências da Religião. Professor universitário em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: mestrepedagogo@yahoo.com.br

Wesley Cabral – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Estudante secundarista e profissional autônomo em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: wesleycabral59@gmail.com

Marlene Scudlarek – Brasileira. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Pesquisadora (voluntária) das Ciências da Religião, Místicas e Holísticas. Profissional da área alimentícia em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: marlenescudlarekpg@hotmail.com

OREL BOOKS LANÇA "CONVERSA NOTURNA E OUTRAS HISTÓRIAS" DE LEONID ANDRÊIEV



Leonid Andréiev foi um dos maiores escritores da chamada Era de Prata da literatura russa, entre o fim do Século XIX e início do Século XX. Embora muito famoso e popular em seu tempo, Andréiev não desfruta hoje do reconhecimento e da divulgação que merece junto aos leitores lusófonos. Este livro visa preencher esta imensa lacuna editorial, oferecendo aos leitores brasileiros um volume exclusivo e inédito em português de obras de Andréiev, em cuidadosa tradução direta do russo. São ao todo 19 textos, sendo 18 contos e novelas e uma peça de teatro, em mais de 400 páginas, com esmerada produção editorial e gráfica. O leitor encontrará nos textos desde a ternura e compaixão de Andréiev pelas pessoas simples do povo russo, como também reflexões filosóficas sobre o sentido da vida, passando, ainda, pelo lado sombrio e soturno característico de sua obra e finalizando com um toque de humor.

Dados técnicos:

Título: Conversa noturna e outras histórias
Autor: Leonid Andréiev
Tradutora: Helena Kardash
Capa: brochura
Páginas: 417
Editora: Orel Books
Edição: 1ª (agosto de 2019)
Idioma: Português
ISBN: 978-65-80695-00-3
Formato: 23 x 16 x 2,5 cm (sem embalagem)
Peso: 800g (com embalagem)

ADQUIRA JÁ. ACESSE





JACKMICHEL

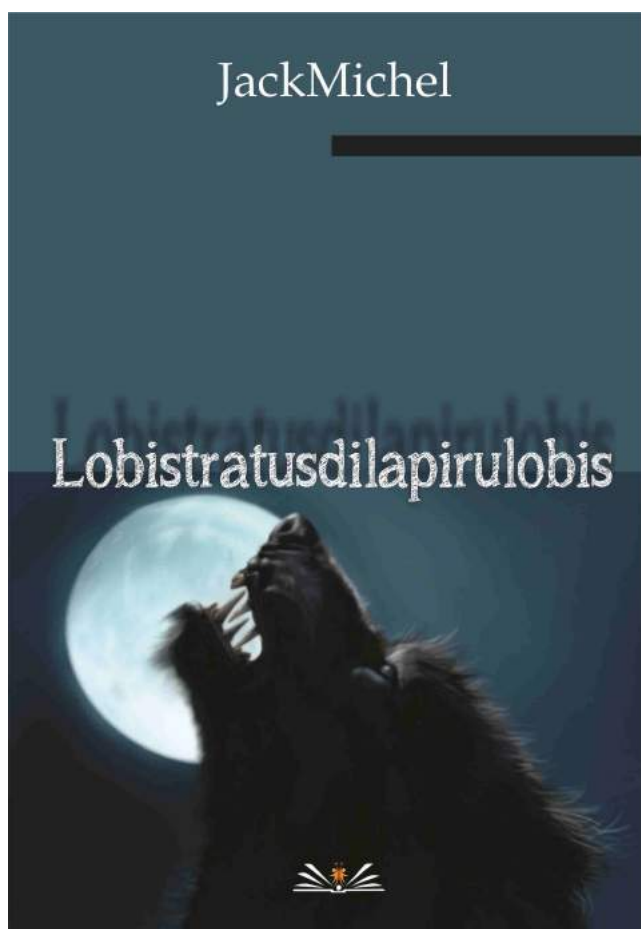
JACKMICHEL REÚNE 18 CONTOS FANTÁSTICOS EM SEU LIVRO LOBISTRATUSDILAPIRULOBIS

Por JackMichel

JackMichel reuniu 18 contos fantásticos no livro *Lobistratusdilapirulobis*. O lançamento da obra ocorreu em 2019 pela editora Illuminare, que atua simultaneamente no Brasil e na Argentina. A escritora 2 em 1 dedicou esta pérola da literatura contemporânea mundial a Alessandro Pavolini, autor do inolvidável *Scomparsa D'Angela*. Vale a pena recordar que o homenageado além de escritor talentoso, foi um dos principais expoentes do fascismo italiano durante a Segunda Guerra Mundial. Entre todos os contos do livro destacam-se *Mansão-Montanha Magicus PippieHippieDippie*, *Abrindo o Zíper do Coração Psicodélico*, *El Gluck Sheik Chic*, *Pare de Dormir {Melancia-Park-Leopardo-Pink}*, *Secreto Diamante 27* *O Suco Das Papoulas Liquefeitas*, *Heil Flower!*

RELEASE Lobistratusdilapirulobis

Diferente das obras que a precederam, Lobistratusdilapirulobis mostra-se completamente contrária aos conceitos formais e rígidos da literatura clássica e aos conceitos do gênero narrativo. Para o orbe das belas-letas é possível um rol de textos atingir um alto nível de excelência apenas com o estímulo do estro poético, sendo necessário analisar os aspectos comportamentais e interdisciplinares envolvidos. Como dito alhures, a escrita nada mais é do que a forma que um autor interage com o ambiente do qual faz parte e é justamente disso que a arte ficcional trata. Portanto podemos considerar que os 18 contos que compõem este livro nos trouxe uma nova concepção e um novo enfoque acerca das teorias interpretativas, ampliando ainda mais os espaços da mente de pessoas. Contos como *Harry Chá Derramado – Girafa De 25/Navio-Taxi Girando, Arnold Lane & Lane Arnold, Peppertone Rei Rato De Papel Plastificado, Em Naphupur* auxiliam ainda no endosso das posições normativas e prescritivas dos critérios estéticos, inserindo a expressão das técnicas do talento e apresentando a influência do fator humano e de seu comportamento em relação à imaginação. Vale ressaltar ainda que o surgimento das ideias e conclusões provenientes da psicologia organizacional e dos estudos comportamentais de *Dr. Parabéns Aniversário, Orelhas De Borboleta + Asas De Maçã e Cápsula 313: Bizet Com Chocolate* são de extrema importância para que a autora passe a ser interpretada como um ser motivacional, psíquico e dotado de necessidades, ou seja, passivo de aprender, desenvolver e transformar suas atitudes. Bem haja!

**INFORMAÇÕES DO LIVRO**

Quantidade de Páginas: 99

Gênero: Conto

Editora: Illuminare

Nº de Edição: 1ª

Ano de Publicação: 2019

ISBN: 978-85-85005-46-7

Idioma: Português

**Onde comprar:**

www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com/contato

Diferente das obras que a precederam, **Lobistratusdilapirulobis** mostra-se completamente contrária aos conceitos formais e rígidos da literatura clássica e aos conceitos do gênero narrativo. Para o orbe das belas-letas é possível um rol de textos atingir um alto nível de excelência apenas com o estímulo do estro poético, sendo necessário analisar os aspectos comportamentais e interdisciplinares envolvidos. Como dito alhures, a escrita nada mais é do que a forma que um autor interage com o ambiente do qual faz parte e é justamente disso que a arte ficcional trata. Portanto podemos considerar que os 18 contos que compõem este livro nos trouxe uma nova concepção e um novo enfoque acerca das teorias interpretativas, ampliando ainda mais os espaços da mente de pessoas. Contos como *Harry Chá Derramado – Girafa De 25 Navio-Taxi Girando*, *Arnold Lane & Lane Arnold*, *Peppertone Rei Rato De Papel Plástico*, *Em Napuppur* auxiliam ainda no endosso das posições normativas e prescritivas dos critérios estéticos, inserindo a expressão das técnicas do talento e apresentando a influência do fator humano e de seu comportamento em relação à imaginação. Vale ressaltar ainda que o surgimento das ideias e conclusões provenientes da psicologia organizacional e dos estudos comportamentais de Dr. Parabéns Aniversário, *Orelhas De Borboleta + Asas De Maçã e Cápsula 313: Bizet Com Chocolate* são de extrema importância para que a autora passe a ser interpretada como um ser motivacional, psíquico e dotado de necessidades, ou seja, passivo de aprender, desenvolver e transformar suas atitudes. Bem haja!

JackMichel é o primeiro grupo literário na história da literatura mundial, composto por duas escritoras: Jaqueline e Micheline Ramos. São irmãs e nasceram em Belém – PA (Brasil). O tema de sua obra é variado, visto que têm livros escritos nos gêneros ficção, poesia, romance, fábula e conto de fadas. Publicações: *Arvo-Jesus-Íris* (Chiado Editora, 2015), *LSD Lua* (Drago Editorial, 2016), *1 Anjo MacDermot* (Drago Editorial, 2016), *Sorvete de Pizza Mentolado x Torpedo Tomate* (Drago Editorial, 2016), *Ovo* (Drago Editorial, 2016), *Papatiparapapá* (Editora Illuminare, 2017), *Sixties* (Helvetia Edições, 2017), *Tim, O Menino do Mundo de Lata* (Helvetia Edições, 2017), *Anotações Da Lagarta Papinha* (Editora Leia Livros, 2018) e *O Príncipe Milho* (Editora Leia Livros, 2018), *Lobistratusdilapirulobis* (Editora Illuminare, 2019) e *Fabulário JackMichel* (Editora Leia Livros, 2019). É associada em ACIMA (Associazione Culturale Internazionale Mandala), LITERARTE (Associação Internacional de Escritores e Artistas), AMCL (Academia Mundial de Cultura e Literatura), UBE (União Brasileira de Escritores) e Movimento Poetas del Mundo. Seus contos e poemas constam em antologias internacionais bilíngues. Também foi destaque em diversos jornais e revistas on-line de literatura, artes e cultura. Participou de salões literários na Europa e no Brasil. Conquistou o Prêmio Talentos Helvéticos-Brasileiros IV, o 3º lugar no Concurso Cultive de Literatura “Prix ALALS de Littérature” e no I concurso literário da Casa Brasil Liechtenstein e o 1º lugar no II Festival de Poesia de Lisboa. Seu slogan é “A Escritora 2 Em 1”.
Website Oficial da JackMichel A Escritora 2 em 1
<https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com>

Biografia

JackMichel é o primeiro grupo literário da literatura mundial, composto por duas escritoras: Jaqueline e Micheline Ramos. São irmãs e nasceram em Belém – PA (Brasil). O tema de sua obra é variado visto que têm livros escritos nos gêneros ficção, poesia, romance, fábula e conto de fadas. Publicações: *Arvo-Jesus-Íris* (Chiado Editora, 2015), *LSD Lua* (Drago Editorial, 2016), *1 Anjo MacDermot* (Drago Editorial, 2016), *Sorvete de Pizza Mentolado x Torpedo Tomate* (Drago Editorial, 2016), *Ovo* (Drago Editorial, 2016), *Papatiparapapá* (Editora Illuminare, 2017), *Sixties* (Helvetia Edições, 2017), *Tim, O Menino do Mundo de Lata* (Helvetia Edições, 2017), *Anotações Da Lagarta Papinha* (Editora Leia Livros, 2018), *O Príncipe Milho* (Editora Leia Livros, 2018), *Lobistratusdilapirulobis* (Editora Illuminare, 2019) e *Fabulário JackMichel* (Editora Leia Livros, 2019). É associada em ACIMA (Associazione Culturale Internazionale Mandala), LITERARTE (Associação Internacional de Escritores e Artistas), AMCL (Academia Mundial de Cultura e Literatura), UBE (União Brasileira de Escritores) e Movimento Poetas del Mundo. Seus contos e poemas constam em antologias internacionais bilíngues. Também foi destaque em diversos jornais e revistas on-line de literatura, artes e cultura. Participou de salões literários na Europa e no Brasil. Conquistou o Prêmio Talentos Helvéticos-Brasileiros IV, o 3º lugar no Concurso Cultive de Literatura “Prix ALALS de Littérature” e no I concurso literário da Casa Brasil Liechtenstein e o 1º lugar no II Festival de Poesia de Lisboa. Seu slogan é “A Escritora 2 Em 1”.

Website Oficial da JackMichel A Escritora 2 Em 1

<https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com>

Lançamento!



368 páginas

Capa dura

Medida:

21cm x 14,5cm

Fita marca página

Ana Maia é uma bailarina apaixonada pela vida marinha e que vive em um paraíso chamado Ilha Azul. Dividida entre a dança e o cuidar das espécies das tartarugas nativas da ilha, ela viverá uma aventura que mudará a sua vida.

Livro autografado + marcador + brindes!

"Abra sua mente para esta jornada. Hora de embarcar para um novo mundo, nunca antes imaginado!"

Sérgio Xavier, jornalista e ecologista

Adquira seu exemplar:
www.escritoramarcelafranca.com

 **NOVACASA**

ENTREVISTA COM

MARINA C. S. SANTOS

Éramos uma família tranquila até que a doença apareceu, justamente em Rafael, o caçula de nossos seis filhos, com apenas três anos. O pior é que minha mãe falecera dois anos atrás, com a mesma doença.

Conseguir um diagnóstico para meu filho foi uma luta imensa, mas não sabíamos que a batalha maior estava por vir.



Por Ademir Pascale

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Marina C. S. Santos: Sempre gostei de escrever e ganhei dois concursos; um de crônicas, quando estava no segundo grau e outro de poesia quando me mudei para Cosmópolis.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “O Livro de Rafael” (Drago Editorial). Poderia comentar?

Marina C. S. Santos: Meu filho Rafael enfrentara um câncer infantil com apenas três anos e eu me sentia muito culpada por ter permitido um tratamento tão agressivo (imagine só). Estava muito deprimida e meu irmão me aconselhou a escrever sobre o acontecido.

Conexão Literatura: Quanto tempo levou para concluir seu livro?

Marina C. S. Santos: Na época em que escrevi eu não tinha computador, então datilografei. Foi bom porque coloquei toda aquela angústia no papel, mas não pensei em publicar. Algumas pessoas leram e gostaram muito, mas eu não tinha vontade de digitar. Passaram 27 anos até que minha neta, Liliane, resolveu digitar pra mim e então enviei pra editora.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Marina C. S. Santos: “Naquele dia estávamos apenas eu e Rafael esperando que a enfermeira nos chamasse, quando

um senhor que se sentara ao nosso lado, perguntou:

– Oi, garoto. Qual o seu nome?

– Rafael – eu disse por ele.

– E a senhora sabe o significado desse nome?

– Não. – respondi secamente, eu não estava com vontade de conversar.

– Significa “curado por Deus” – ele disse sem se importar com meu tom de voz.

Repentinamente eu comecei a me interessar, queria ter certeza.

– Como é que o senhor sabe?

– Meu filho se chama Daniel que é

“seguidor de Deus” e o seu filho é

Rafael, “curado por Deus”. Pode procurar e verá que eu tenho razão.

Naquele momento, meu coração se encheu de esperança. Desde que soubera da doença de Rafael não fizera mais nenhuma oração. Perdera a confiança em Deus por Ele não ouvir minhas preces.

“Mas agora, ao saber do significado do nome de meu filho, uma emoção me dominava.”

“Curado por Deus”. Então ele seria realmente curado por Deus. Eu confiava nisso. Tinha de confiar. “

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Marina C. S. Santos: Por enquanto, está sendo vendido apenas pelo site da Livraria Drago, mas espero que em breve



esteja em todas as livrarias. Quanto a mim, podem me mandar mensagens no meu e-mail marinac57@live.com, responderei com prazer.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marina C. S. Santos: Tenho outro livro pronto, mas está manuscrito.

Infelizmente não consigo criar digitando, prefiro escrever à mão. Kkk. Tenho também alguns contos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Três amores

Um (a) autor (a): A. J. Cronim

Um ator ou atriz: Denzel Washington

Um filme: Amor além da vida

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

**VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL**

**FANPAGE: + DE 94 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 39 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES**

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

**Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc**

**Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com**

ENTREVISTA COM

ROSEANE SOUSA

Roseane Sousa é natural de Santo André, no ABC paulista. Formada em Pedagogia e Letras, é professora de Ensino Fundamental, revisora de textos e está, gradativamente, construindo uma nova identidade: a de escritora. Amante de gatos e de livros, é uma pessoa de mente inquieta, tecendo, desde criança, realidades paralelas. Mas foi somente há quatro anos que teve a ideia de escrever e publicar essas realidades. Desde então, vários rascunhos foram feitos e uma pasta cheia de projetos habita uma gaveta em sua escrivaninha. *Vaivéns da Alma* é o primeiro desses projetos a se concretizar e ser compartilhado com o público.



Por Ademir Pascale

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Roseane Sousa: Meu início no meio literário foi como leitora. Os livros me encantam desde muito pequena. E sempre gostei de criar histórias, inventar mundos, recriar histórias existentes à minha maneira. Quando criança eu me destacava nas aulas de redação na escola e dizia que queria ser escritora quando crescesse. Mas eu cresci e, por muito tempo essa ideia existiu apenas como a lembrança de uma fantasia infantil. Eu sempre fui muito tímida; sou de uma época em que internet e toda essa facilidade que se tem hoje de fazer contatos sem sair de casa, de publicar um livro de forma independente... era algo que não existia e minha timidez de certo modo me barrava na tomada de iniciativas.

A paixão pela leitura nunca me abandonou, sou uma devoradora de livros e chegou um momento em que consumir histórias alheias já não era suficiente pra mim. Ideias começavam a brotar de tal forma que eu precisava extrapolar as fronteiras do meu pensamento. E foi assim que, há cinco anos, caminhando na praia e imaginando-me outra pessoa, em outro lugar, com outra história, me dei conta de que poderia compartilhar essa imaginação com o mundo escrevendo. Passei cerca de uma semana envolvida com a escrita da história que invadiram meu pensamento naquele dia na praia. Guardei e nunca mais voltei a ela (e não sei se um dia voltarei). Mas outras ideias foram surgindo e eu comecei a escrever um romance, *(Des)amores*, que está descansando há um longo tempo, mas que pretendo retomar e terminar até meados do ano que vem. Eu não

conhecia nada no meio literário quando comecei a escrever, não fazia ideia de meios a que se pode recorrer para publicar, como editar um livro, não sabia de concursos literários, nada. Comecei, então, a pesquisar e fui descobrindo muita coisa. Participei de games e oficinas literárias, fiz uma pós-graduação em que me dediquei a revisão de textos autopublicados, conheci escritores através das redes sociais... Ao mesmo tempo, o drama de minha protagonista em *Vaivéns da Alma*, foi se apresentando pra mim e eu decidi me dedicar a essa história. Comecei de uma forma completamente aleatória, sem técnica, sem organização nenhuma. Eu pensava numa cena, pegava um papel e escrevia. Depois digitava e salvava num arquivo. Cheguei num ponto, uns dois anos atrás, em que eu tinha mais de 80 arquivos de texto com pedaços da história. E eu precisava, então, encaixar essas partes, dividir em capítulos, preencher as lacunas... era um quebra-cabeça enorme. Na minha cabeça existia uma sequência, eu conhecia começo meio e fim da história. Mas eu precisava ordenar as ideias que estavam soltas, criar elos entre elas. Eu precisei imprimir todos esses arquivos, pra ir lendo, separando, numerando... Deu muito trabalho. A cada leitura, eu mudava alguma coisa. E não acho que esteja bom ainda. Eu me forcei a publicar, defini como meta participar do Prêmio Kindle desse ano (depois de muita pesquisa e indecisão sobre como e onde publicaria), para que,

assim, eu tivesse um prazo para terminar. Tive que aceitar que meu filho cresceu, precisava ganhar o mundo, mesmo que ainda carregasse defeitos de sua criação.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Vaivéns da alma”. Poderia comentar?

Roseane Sousa: *Vaivéns da Alma* conta a história de Olívia, uma jovem professora que é sexualmente violentada por um paquera. Após esse evento, não só ela, mas toda sua família, fica psicologicamente abalada. Esdras, um agregado da casa, e por quem Olívia nutre um ambíguo sentimento de raiva e identificação, é quem medeia as relações que se tornam conturbadas entre ela e os membros da família.

Vivenciando experiências de compaixão e de preconceito, Olívia passa a acompanhar as investigações contra seu algoz, ajudando, inclusive, a descobrir uma outra vítima. Encontra em Esdras apoio emocional para conseguir lidar com os altos e baixos de seus sentimentos. Aos poucos, a relação entre eles vai mudando de rumo.

É uma história que acompanha a rotina de pessoas comuns que precisam aprender a lidar com as adversidades da vida, buscando meios de controlar os sentimentos, próprios e alheios.

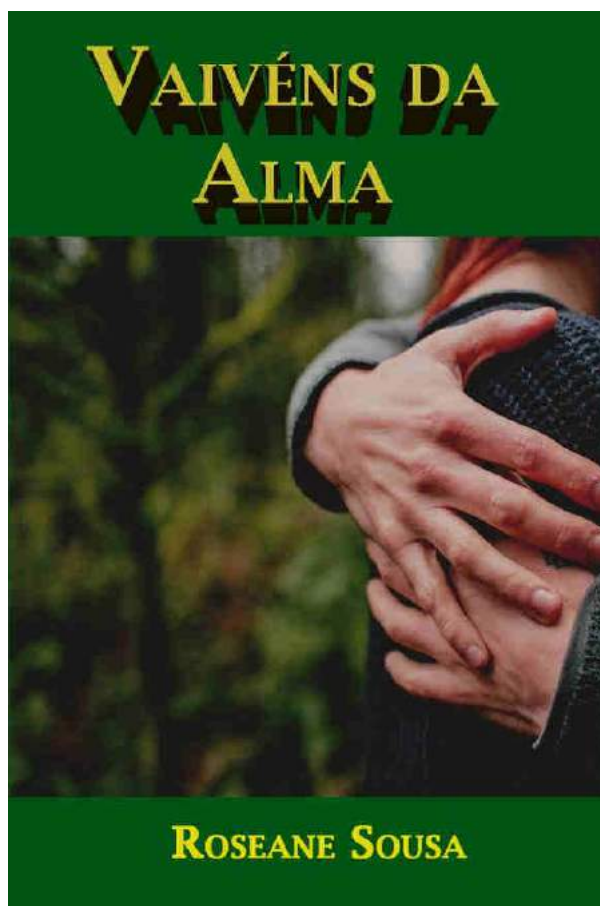
Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Roseane Sousa: Foram quatro anos desde o momento em que as primeiras cenas surgiram em minha mente até o final da última revisão. Embora não seja o foco da história, o que mais pesquisei foram as questões sobre violência contra a mulher, estupro e o tratamento disso no meio jurídico. Para isso, li o que consta na legislação, no código penal. Estudei vários artigos e livros sobre o assunto e enviei dúvidas e trechos do livro a um advogado que me auxiliou bastante. Também procurei ler depoimentos de vítimas e parentes de vítimas de estupro para tentar construir meus personagens. Outros detalhes eu fui pesquisando conforme a necessidade durante o processo de escrita.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Roseane Sousa: Um trecho? Difícil... é como escolher fotos pra expor no telão no aniversário de um filho: dá vontade de colocar todas! *Vaivéns da Alma* é uma história muito especial pra mim, eu mergulhei no mundo daquelas personagens, ri e chorei com elas. Vou destacar aqui um trecho em que as lembranças da violência vivida pela personagem voltam a atormentá-la:

“Raiva, medo, desespero... Meu corpo se separava de meu cérebro e eu já não tinha controle sobre ele, que tremia histericamente, me impulsionando para



longe do homem que eu beijava minutos atrás. Dirijo mecanicamente. O celular toca. Não enxergo direito, não consigo ler as placas... O celular continua tocando. As lágrimas embaçam minha visão. Meus olhos estão embaçados... minha vida, de repente, está embaçada... O celular não para de tocar. Imagens se formam em minha mente: carro, música, estrada. Uma casa vazia, o som de animais, um toque violento... Sinto raiva, nojo, medo, repulsa... Vejo um sol forte, uma estrada. Sinto cansaço e muita dor... Dói o corpo, dói o peito, dói a alma... Incerteza, deslocamento, vergonha... Delegacia, hospital, confusão... Um corpo, um rosto, um olhar: Breno! Imagens difusas, flashes de um passado que eu pensava ter enterrado... Engano

tolo. Estava apenas guardado em algum ponto esquecido do meu cérebro...”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Roseane Sousa: O e-book está disponível na Amazon e, em breve, pretendo publicar a versão impressa, por enquanto também pela Amazon. Quem quiser me acompanhar ou entrar em contato, pode seguir minhas páginas no instagram e facebook:

Instagram: @roseanesousa78
(<https://www.instagram.com/roseanesousa78/>)

Facebook (página): Roseane Sousa – Literatura
(https://www.facebook.com/roseanesousaliteratura/?view_public_for=109771703722532)

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Roseane Sousa: Sim. Como já citei, tenho um outro romance em andamento, além

de alguns contos que pretendo organizar e ideias para romances ou novelas, rascunhados, esperando tempo para serem desenvolvidos.

Perguntas rápidas:

Um livro: não se pergunta isso a um leitor! Como posso escolher só um? Rs... No momento, *A inquilina de Wildfell Hall*, da Anne Brontë.

Um (a) autor (a): José Saramago, Eça de Queiroz, Guimarães Rosa. (também não consigo pensar em um só!)

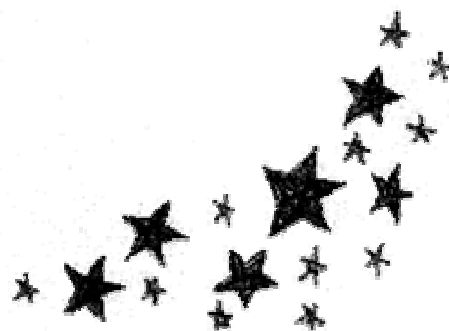
Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Ao mestre com carinho

Um dia especial: o dia em que me tornei mãe.

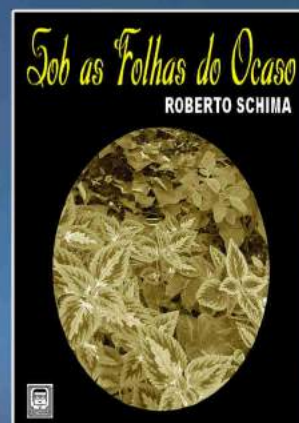
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Roseane Sousa: Gostaria, primeiramente, de agradecer à revista Conexão Literária pela oportunidade e quero fazer um convite aos leitores: experimentem a leitura de Vaivéns da Alma, me procurem nas redes sociais, digam-me quais foram suas impressões. Essa troca é muito importante para que eu possa aprimorar o meu trabalho.



Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

**PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES**



NATALINO POEMA NATALINO

Por Marcos Aurélio Gomes e Marcos Pereira dos Santos

Mais uma vez o ano findou.
É mês de dezembro!
O Natal novamente chegou.

Eis a hora de descansar.
Férias escolares ... Festejos ...
O nascimento de Jesus vamos comemorar.

Reunião de familiares em casa.
Muita comida, bebida e diversão.
A chama do amor os corações abrasa.

Enfeites natalinos estão por toda parte:
Árvore de Natal, presépio e muito mais ...
Cada qual com sua obra de arte.

Há pisca-piscas e fogos de artifício.
Guirlandas e Papai Noel também.
Ceia de Natal, troca de presentes e muito além disso ...

Cantigas natalinas ecoam no ar.
Eis o *Dia 25 de Dezembro!!!*
Nasceu o Menino-Deus para nos salvar.

Os sinos das igrejas ressoam mui fortes.
O céu noturno está estrelado.
Não há lugar para tristezas e mortes.

Céus e Terra exultam de alegria.
É NATAL! É NATAL!
Emanuel já nos faz deleite companhia.

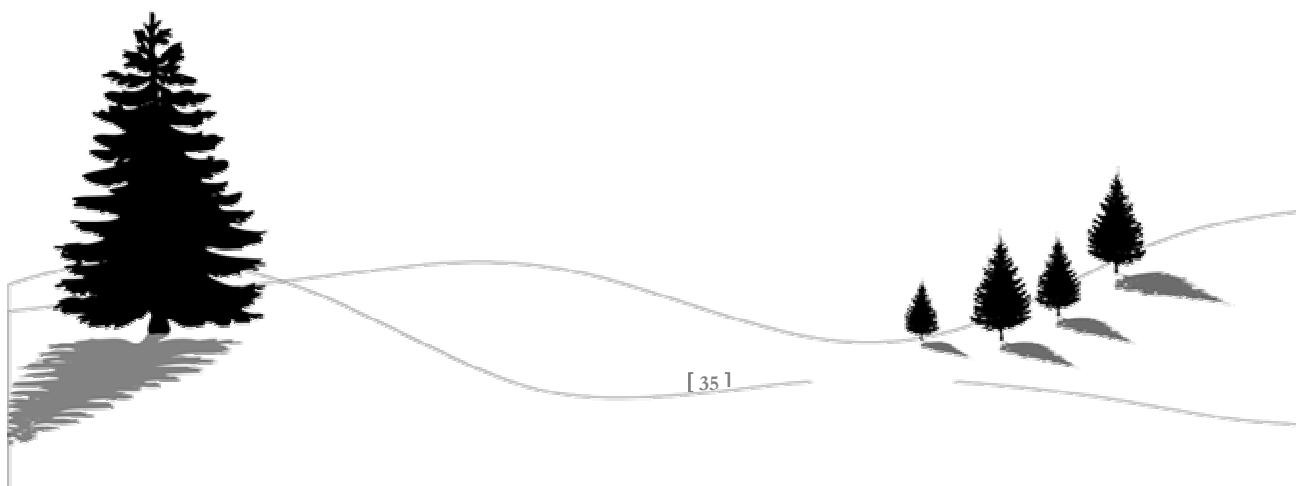
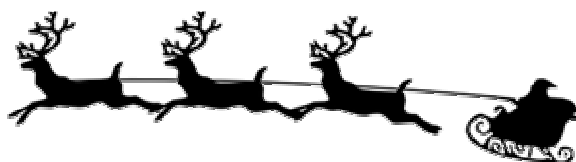
Viva Cristo! Viva o santo Natal!
Salve, salve!!!
Festa natalina é sempre sem igual.

Natal é amor, harmonia, paz e luz.
Ouro! Incenso! Mirra!
Natal é, enfim, festejo que a todos(as) seduz.

É Natal de novo (...)!
Importante festa cristã.
Momento de (re)nascer. Esperança do povo.

Natal é vida, otimismo, bom ânimo e entusiasmo: felicidades.
“Fênix” do renascimento!
Feliz celebração em todas as idades.

Comemorações em todos os anos ...
É NATAL!!!
Felicitações aos corações humanos!





Marcos Aurélio Gomes – Brasileiro. Natural da cidade de Itajaí/SC, onde reside nos dias atuais. Célebre pesquisador e estudioso (voluntário) da área de Teosofia. Literato amador (poeta e escritor). Sargento concursado (aposentado) da Polícia Militar Florestal do Estado de Santa Catarina. Ilustre defensor militante da causa dos Direitos Humanos e da Educação Ambiental. Autêntico amante da Natureza. Atualmente, viaja a passeio por várias regiões do Brasil conhecendo diversos pontos turísticos e desenvolvendo, com afinco, relevantes, eficazes e eficientes trabalhos voluntários de cunho humanitário. E-mail: magsuzuki67@gmail.com

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Príncipe Real, Duque Paladino, Marquês, Embaixador e Comendador. Renomado pesquisador em Ciências da Educação e Ciências da Religião. Ilustre literato profissional (escritor, poeta, trovador, contista, cronista, ensaísta, articulista, antologista, aldravianista, indrisonista e haicaísta ao estilo oriental). Membro fundador, titular, efetivo e correspondente imortal de várias Academias de Ciências, Letras e Artes em nível nacional e internacional. Na área literária, é (re)conhecido pelo pseudônimo de “Quinho Caleidoscópio” ou “Quinho Calidoscópio”, participando ativamente de diversas antologias literárias Brasil afora e conquistando importantes premiações, troféus, medalhas de Honra ao Mérito, certificações e moções de aplausos. Professor universitário em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: mestrepedagogo@yahoo.com.br



Especial de Contos Natalinos

CASA Projetos Literários

AS VIAGENS DE ZEQUINHA NUMA NOITE DE NATAL

Márcia Feitosa

O cheiro do peru assando vindo da cozinha invadiu o quarto de Zequinha e o fez salivar ao antecipar mentalmente a ceia de Natal. Como sempre, D. Francisca, sua mãe, caprichava nos quitutes e guloseimas para a ceia da família. Seu famoso salpicão com frutas secas era disputado quase aos tapas. Já o bolo tronco de Natal fazia a alegria das crianças, que deixavam de comer alguns dos pratos principais apenas para esperar pela sobremesa e se lambuzar com a cobertura.

Zequinha pulou da cama e correu até a cozinha para tentar comer algo escondido. Só não teve a chance. Sua mãe o conhecia muito bem e ao primeiro ruído de sua entrada, foi logo o despachando dali.

— Vai passear, filho! Aproveita e leva os presentes para colocar na árvore do bairro.

A árvore de Natal do bairro, grande e iluminada, era montada todos os anos na galeria da sorveteria mais frequentada das redondezas. Os moradores levavam presentes, algum prato de comida e se reuniam antes da meia-noite para celebrar juntos o nascimento de Jesus.

Desapontado por não comer nada, o menino obedeceu a mãe. Pegou sua mochila da escola, colocou quatro pacotes de presentes ricamente embalados dentro, e saiu. Passou pela garagem, pegou sua inseparável companheira de aventuras, a bicicleta vermelha, ajeitou os fones do iPod nos ouvidos e logo ganhou a rua.

Ao ritmo de uma música bem barulhenta desceu desembestado a ladeira que levava até a sorveteria. Já estava quase lá quando, sem aviso prévio, um homem vestido de Papai Noel,



carregando um pacotinho de papel, cruzou à sua frente. Apesar de ter reflexos rápidos não pôde evitar o choque.

O homem caiu no meio da rua e ficou lá, estirado no asfalto, imóvel.

— Meu Deus! Matei o Papai Noel!

Preocupado, Zequinha largou a bicicleta no chão e foi ver se ele ainda respirava. Ao ver que o homem começava a gemer um pouco, suspirou aliviado. O Natal estava salvo!

— Quer ajuda, moço?

O homem levantou meio cambaleante.

— Ô moleque, isso é jeito de descer a rua?

— Desculpe, mas foi o senhor que atravessou sem olhar.

— Ah! Agora a culpa é minha?

Vendo que o homem parecia bem, até demais já que continuava lhe dando bronca, voltou a pegar a bicicleta para seguir seu caminho. Porém, o Papai Noel desastrado o impediu. — Meu pacote. Você viu? Preciso levar para casa!

Zequinha olhou em volta e localizou o pequeno saco de papel junto ao meio-fio. Pegou o mesmo e o entregou ao homem. — Está aqui!

— Obrigado. Os meninos iam ficar tristes se eu não levasse o pão de mel e a bala-mistura.

— Bala-mistura? O que é isso?

O homem abriu o saco e mostrou um punhado de balas coloridas mais um pão de mel. Depois, despediu-se rapidamente. Zequinha ficou curioso e resolveu seguir o estranho Papai Noel. Algo nele havia despertado seu instinto de investigação. Procurou ficar a uma distância segura para não ser visto.

Algumas quadras depois chegaram a uma casa bem simples, numa rua ainda

mais simples. Tinha poucos postes de iluminação, calçadas irregulares e o asfalto cheio de buracos. Em frente à casa viu o homem entregar o pacote para uma mulher que, animada, voltou para dentro. Em seguida, correu para os fundos e voltou com uma escada velha nas mãos. Posicionando o objeto na parede lateral da casa, subiu até o telhado. Nessa hora, saíram da casa a mesma mulher do pacote e duas crianças. Elas pareciam eufóricas com a cena.

Zequinha estava cada vez mais curioso. O que aconteceria ali?

O homem acenou para as crianças, que começaram a cantar, desafinadas, uma conhecida melodia natalina.

Ajeitando a roupa vermelha na cintura, olhou para uma espécie de buraco no telhado e saltou para dentro dele. As crianças vibraram e correram de volta para o interior da casa esperando ver a chegada do “bom velhinho” em sua sala.

Porém, como o buraco do telhado, fazendo as vezes da chaminé, não era grande o suficiente para passar uma pessoa, o pobre homem ficou entalado.

— Mulher! Mulher! Chama os bombeiros! Estou preso!

Desta vez a vizinhança inteira veio para a rua. Todos queriam ver o que tinha acontecido ao Papai Noel. A situação era hilária e trágica ao mesmo tempo!

Os bombeiros não demoraram mais do que dez minutos para chegar ao local. Enquanto tentavam desentalar o homem, Zequinha foi até a casa, pé ante pé para não chamar a atenção. Olhou por uma janela e viu a pobreza do lugar. Na sala, uma televisão pequena era a única responsável, através de suas imagens, por colocar cor no ambiente de paredes escurecidas pelo mofo e desbotadas pelo

tempo. Não havia sofá, apenas uma mesa de madeira lascada com duas cadeiras que pareciam meio bambas. Ficou com o coração apertado. Entendeu que aquele homem que tinha atropelado nada mais era do que um pai de família, humilde, tentando dar uma alegria de sonho para os filhos. E agora, estava entalado no telhado, acabando com a festa de todos.

Tirou a mochila das costas e pegou os presentes que estavam nela. Tomando o cuidado para que ninguém o notasse, entrou na casa e deixou os presentes em cima da mesa. Estava certo de que sua mãe entenderia sua atitude. Saiu mais leve do que entrou.

Correu para sua bicicleta e pedalou com todo o gás para a galeria.

Em volta da grande árvore de Natal, estavam seus amigos da escola e o dono da loja de música, seu Lourival. Vendo sua afobação ao chegar, foram logo perguntando o que havia acontecido. Num fôlego só, lhes contou toda a aventura com o desastrado Papai Noel.

Seu Lourival ficou intrigado.

— Como era esse Papai Noel?

— Tinha jeito de italiano, a voz meio fanha.

— E você disse que ele tinha no pacote um pão de mel e bala-mistura?

— Isso mesmo.

— Esperem aqui só um minuto. Eu já volto.

Foi até sua loja e voltou com um disco de vinil antigo nas mãos. Zequinha quase caiu para trás ao ver quem estava na capa.

— É o Papai Noel que eu atropelei!

— Esse é Adoniran Barbosa, um grande sambista paulista. E você acabou de descrever o que acontece na música dele chamada “Véspera de Natal”.

— Então ele mora por aqui?

— Não, Zequinha. Ele morreu há mais de 30 anos!

O espanto foi geral. A turma da escola começou a falar todos ao mesmo tempo, comentando a bombástica informação.

— Mas eu acabei de deixar todos os meus presentes na casa dele!! Achei que ia ajudar o Natal daquelas crianças.

— E ajudou, Zequinha!

— Como? Se você disse que o homem já morreu!

Lourival fez um carinho na cabeça do menino.

— Tem certas coisas que nunca morrem!



SOBRE A AUTORA:

Nascida em São Paulo, Márcia Feitosa reside atualmente em Recife/PE, onde trabalha como professora de Técnica Vocal. Em 2004, junto a Tony Borba de Melo, formou o projeto MUSICANDARTE, para promover o acesso à cronologia da MPB nos últimos 150 anos. É autora do livro “As viagens de Zequinha no terreno dos chorões” (Editora Inverso).



Especial de Contos Natalinos

CASA Projetos Literários

NATAL ENCANTADO NO REINO DE SCAMONIS

Marcela Franca

Era uma vez um reino mágico chamado Scamonis, localizado no fundo do mar. Lá havia um lindo castelo de pérolas onde uma princesa sereia dormia embalada pelas ondas azuis e cristalinas.

— Princesa Ana, hora de levantar! – um polvo cor-de-rosa entrou no meu quarto. – Pode tirar as nadadeiras dessa concha urgentemente ou a sua avó, a rainha Midi, fará a maior turbulência nas águas deste castelo! – e foi logo abrindo as cortinas de algas marinhas da janela.

— Bom dia pra você também Srta. Polvina! – eu me espreguicei lentamente dentro da concha exibindo a minha cauda azul com dourado. – E você sabe muito bem que a rainha é a sereia mais doce que conhecemos, não é de “turbulências”.

— É... tem razão. – ela suspirou. – Porém, temos muito a fazer no dia de hoje, lembra?

— E como não lembraria! – sorri. – É o nosso primeiro Natal no reino de Scamonis. – nadei para o meio do cômodo e comecei a girar repetidas vezes formando bolhas de ar por todos os lados. – Eu simplesmente amo o Natal! E a propósito, quais são as notícias do reino?

— Hunf! Nem queira saber, menina-sereia! – ela resmungou. – As ostras estão em greve e não estão produzindo uma pérola sequer! Houve uma pequena discussão entre a Dona Moreia e o Sr. Molusco pelos corais, mas ninguém saiu ferido. Um bando de tartarugas turistas chegou pelas correntes migratórias e deve ficar por um tempo, só espero que não façam bagunça! Mas, o pior problema que estamos enfrentando é com Mister Shark, o tubarão-martelo. Ele ficou indignado porque foi excluído do amigo-secreto. Não temos culpa se ele não controla



aquele apetite! O peixe-boi marinho Mumuum quase levou uma mordida e foi fazer reclamação no escritório da Sra. Raia.

— Hum... Entendo! Vamos resolver isso. – falei. – O Natal não é momento de brigar, e sim de ficarmos juntos, como uma família. Dia de celebrarmos o nascimento de alguém muito especial!

Fui até a janela e admirei o conjunto de casas-conchas que se estendia a perder de vista pelo reino. Era um colorido incrível! Sereias e tritões nadavam alegremente em todas as direções exibindo suas roupas bonitas cheias de pedrarias. Peixes de tamanhos variados brincavam ao redor das rochas e lindos cavalos-marinhos passeavam perto das algas.

Donatello, meu companheiro de aventuras, veio nadando ao meu encontro. Ele era uma tartaruga perolada, espécie rara de tartaruga marinha. Seu casco brilhante era formado por placas azuis-turquesa que se uniam como um quebra-cabeça e também possuía manchas douradas nas nadadeiras.

— Olha quem resolveu aparecer! – acariciei Don com cuidado. – Quer me acompanhar, amiguinho? – e ele apenas balançou a cabeça como se estivesse concordando.

Ajustei a minha coroa de três pontas na cabeça e saí em direção ao salão para ver o ensaio musical natalino.

— É um, é dois, é um, dois três, vai! – falou o Sr. Caramujo, regendo o restante da orquestra com entusiasmo.

Lagostas, camarões e caranguejos começaram a tocar seus instrumentos musicais desordenadamente. E o que deveria ser uma linda melodia acabou

sendo um verdadeiro desastre. Até Donatello se afastou um pouco, incomodado por aquele barulho.

— Chega! Chega! Chega! – o Sr. Caramujo se exaltou. – Eu já falei uma centena de vezes para vocês estudarem o DÓ, RÉ MI, FÁ, SOL, LÁ, SI! – ele parecia preocupado. – Acho que treinar crustáceos foi uma péssima ideia!

— Não fique assim, Sr. Caramujo. – eu me aproximei. – Tenho certeza que vamos ter um lindo espetáculo logo mais. – e notei quando suas bochechas ficaram vermelhas.

Segui em direção à entrada do castelo acompanhada por Don.

— Mais para a esquerda, queridinhas. – Flip-Flip, a golfinha fofa, ajudava na montagem da Alga de Natal. – Isso mesmo, estrelinhas-do-mar, se espalhem pela alga gigante como se fossem enfeites. E quanto a vocês, peixinhos, fiquem nadando em volta da alga para dar o colorido. As conchinhas estão belíssimas penduradas nas extremidades. Ah, como estou orgulhosa!

— Olá Flip-Flip. – falei. – Percebo que está fazendo um lindo trabalho. Esta Alga de Natal está parecidíssima com as Árvores de Natal da terra!

Mas ao ouvirem a palavra terra, houve um grande tumulto. Todos os peixes, estrelas-do-mar e conchas se assustaram e fugiram apavorados.

— Voltem aqui! – Flip-Flip se desesperou. – Parem! – Mas foi tarde demais. Não sobrou uma concha para contar história. A alga gigante agora estava vazia, murcha e desengonçada. – Que pesadelo! Princesinha Ana, você sabe que não pode falar essa palavra chamada te-te-terra. Sabe o quanto isso nos causa medo...

— Eu sinto muito! – toquei na alga destruída, tentando arrumá-la. – É melhor eu ir nadando... – e deixei Flip-Flip conversando com as águas-vivas para substituírem as estrelas.

A noite chegou e o castelo se encheu de sereias, tritões e animais marinhos. A rainha Midi se ergueu do trono e elevou o tridente com a delicadeza de uma verdadeira dama.

— Povo de Scamonis! — disse a rainha. — Minha neta, a princesa Ana, organizou esta festa maravilhosa. Espero que todos se divirtam e aprendam sobre o espírito de Natal: renascimento e esperança. Devemos amar uns aos outros. É isso mesmo, Ana?

— Sim, vovó! – falei com orgulho. – Que comece a música! – pronunciei esta frase morrendo de medo do que estaria por vir.

Sr. Caramujo e orquestra iniciaram a melodia e um coro de crianças sereias entoou uma canção.

“Bate a concha pequenina. Não é de Belém. Já nasceu o Deus menino. Para o nosso bem.

Paz no reino de Scamonis. Conchas a cantar.

Abençoe Deus menino. Este nosso mar”.

— Tivemos que fazer uma pequena adaptação, princesa. – o Sr. Caramujo sorriu para mim.

A Alga de Natal ficou no meio do salão e estava magnífica! A fofura da golfinha Flip-Flip conseguiu convencer todos os enfeites vivos a voltarem aos seus devidos lugares.

— Chegou a hora do amigo-secreto. – pronunciei. – Como eu dei a ideia dessa brincadeira, vou começar. Minha amiga secreta é cor-de-rosa e tem oito braços.

— Sou eu! – Srta. Polvina falou emocionada.

— Espero que goste! – entreguei-lhe o presente. – Tem uma pulseira para cada tentáculo.

A Srta. Polvina deu um chapéu de conchas para a golfinha Flip-Flip, que presenteou a tartaruga Donatello com um colar de pedrinhas. Don, por sua vez, tirou o Sr. Molusco e o presenteou com um linda bengala para que ele pudesse andar com mais velocidade. Mister Shark, que até então não iria participar da brincadeira, entrou em acordo para não comer os convidados e presenteou justamente o peixe-boi Mumuum com uma capa de super-herói feita com algas. Acho que eles fizeram as pazes. E a festa seguiu alegre e o mais importante, cheia de amor!

Viva Scamonis! Viva o Natal! Viva o Deus menino!

SOBRE A AUTORA:



Marcela Sales Franca nasceu na cidade do Recife/PE e se mudou para Petrolina/PE com um ano de idade, onde reside até hoje. É Cirurgiã-Dentista por formação, especialista em Odontopediatria. Autora de "Scamonis - o outro lado de mim" (NOVACASA Editora Madrepérola), um romance repleto de aventura e mistérios em um reino subaquático de belezas naturais e encantadoras, com protagonistas cheios de personalidade e vitalidade!



Especial de Contos Natalinos

CASA Projetos Literários

MICROCONTOS DE CENAS NATALINAS

Mayanna Velame

Pisca-pisca

E o pisca-pisca guiou o felino ao topo da árvore de Natal.

Uvas passas

Degustou um cálice de vinho, apreciou um pedaço de panetone. Mas quando se tratou de uvas passas, essas, ele as passou...

Fome

Mirra, ouro e incenso... E tudo que aquele pobre menino queria, era um prato de comida.

Quadrilha Natalina

José amava Maria. Ela amava a Jesus. Ele amava a Deus. E Deus amava a humanidade. Já a humanidade a quem amaria?



Papel de presente

Um homem de corpo robusto, vestido de vermelho foi encontrado morto, embrulhado no papel de presente, na chaminé de uma casa.

Procurado

A última vez que viram o peru de Natal, ele estava a bordo do trenó do Papai Noel.



SOBRE A AUTORA:



Mayanna Velame nasceu em Manaus em 1983. É formada em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Amazonas. É cronista do jornal Comunicação Regional de Aparecida do Norte e escreve periodicamente contos, crônicas e poemas para os sites literários: Recanto das Letras, Texto de Garagem e Revista Vicejar. Autora e idealizadora do projeto poético educacional "Português Amoroso" que será publicado em livro em 2020.



Especial de Contos Natalinos

CASA Projetos Literários

Sobre a CASA Projetos Literários:

Somos uma agência literária que trabalha agenciando autores de todo o Brasil. Junto de nossas autoras participantes desta edição comemorativa, desejamos a todos os leitores Boas Festas e um 2020 permeado pela leitura de belas histórias!

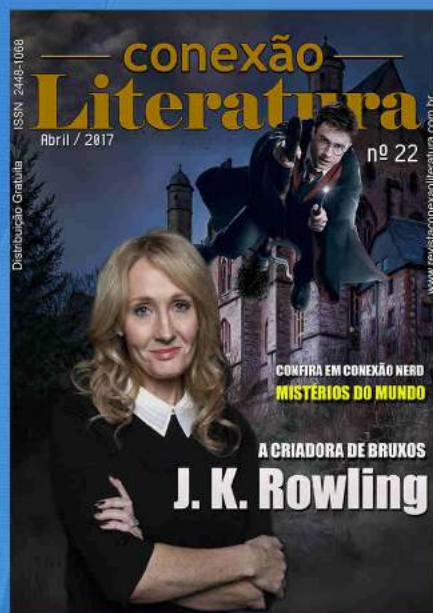
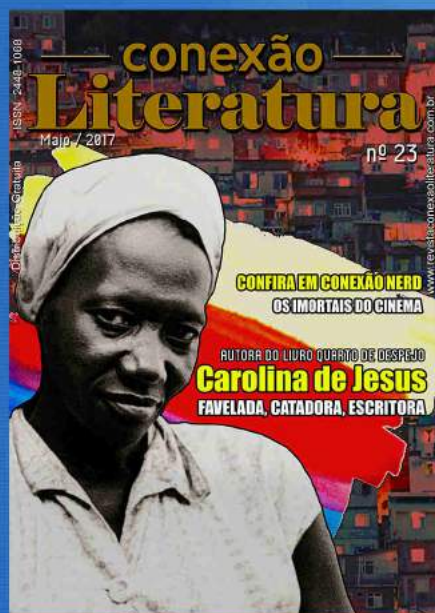


**Visite nosso site e conheça mais sobre
os nossos autores:**

www.casaprojetosliterarios.com.br



Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE
<https://apoia.se/conexaoliteratura>



O ÚLTIMO NATAL

por Míriam Santiago

A história homenageia “Um Conto de Natal” do romancista inglês Charles Dickens (1812–1870), sobre a vida de Ebenezer Scrooge, um velho ganancioso e sem compaixão que, na noite de Natal, é visitado pelo fantasma do seu ex-sócio, Marley, morto há sete anos, que diz não poder descansar em paz já que não foi generoso...

Conto

O Residencial Santa Cruz, uma das casas de repouso mais luxuosas da capital paulista já estava pronta para receber familiares e amigos de seus internos, que ansiavam pela tremenda ceia de Natal, com direito a tudo o que permitia a comemoração.

Os idosos da casa e profissionais do estabelecimento aguardavam o dia com grande felicidade, pois além de ser considerado sagrado, o nascimento de Jesus Cristo, também era motivo para confraternização, troca de presentes, abraços, beijos e muito divertimento.

Mas nem tudo era flores e sabores na vida de Wilson Jack — proprietário de lojas de conveniência e construtor — que residia na entidade há cinco anos, desde os 75 anos de idade quando foi diagnosticado com doença terminal. Ele era o único do Residencial que não festejava Natal, Réveillon, Páscoa, aniversário, enfim, não gostava de nenhum tipo de comemoração, de pessoas, de alegria. Para ele a vida sempre se resumiu em dinheiro, economia e gastar com o necessário, chamava isso de sua “filosofia de vida”, que no início, ao se formar em Administração com Mestrado em Economia Financeira deu certo, já que fora de família humilde. E mesmo a doença não o fez mudar seu jeito de viver, de ser mais leve, feliz. Ele vivia no maior e mais luxuoso quarto do residencial, isolado dos demais e com duas enfermeiras a seu dispor, que recebiam a parte só para servi-lo. E ambas não foram dispensadas na noite de 24 de dezembro para festejarem com suas famílias.

Pouco antes de Wilson se deitar no mesmo horário de sempre ele recebe a visita de um médico.

— Como ousa entrar assim em meu quarto sem ser chamado? Eu não conheço o senhor, nunca o vi. Veio atrapalhar meu horário de dormir.

— Eu não poderia passar por aqui sem visitá-lo. Agora meu turno está completo. O senhor não tem muito tempo, sabes, pois não.

— Sim, hoje na parte da manhã doutor Rafael já me deu esta notícia.

— E como está se sentindo? — Me parece que não mudou em nada sua rotina, não deu folga às moças, Arlete e Lisandra.

E assim que o médico terminou de falar, Wilson caiu no riso porque todo esse

tempo e não sabia os nomes das enfermeiras.

— Não é o cúmulo o senhor não saber os nomes? As chama somente pelos sobrenomes, sem vínculo afetivo nenhum com pessoas que há tanto tempo fazem parte da sua vida.

— Mas elas recebem para isso, são bem remuneradas para me servir, pagamento em dia, já não é o suficiente?

— O senhor às vésperas da morte e não muda em nada, sempre ganancioso, sem piedade e sem amor a ninguém. Vim dizer-lhe que deve se apressar com o testamento, pois tens apenas um sobrinho vivo, como está essa questão?

— Verdade doutor. Vejo se consigo com que o traga até aqui para conversarmos.

— Lembre-se que este é o seu último Natal, não há mais tempo.

E assim que Wilson Jack pegou o telefone para procurar o número do sobrinho, aos piscar os olhos, o médico não mais estava em seu quarto foi-se tão rápido assim como entrou.

Mas o velhote não se deixou abalar com isso e nem pensar a respeito. Abriu a porta e chamou Arlete e Lisandra pelos nomes — atitude que as deixou boquiabertas — e pediu-lhes que o ajudasse a ligar para Marcelo Júnior com urgência, o advogado que tratava de todas as finanças para que viesse no dia seguinte com toda papelada necessária, pois passaria seu legado ao sobrinho, único parente vivo de sua pequena família, já que muita gente nem conhecia desde que se mudou do Pará e não mais retornou, muito menos enviou notícia de seu paradeiro, nem mesmo aos pais e irmãos. O que fez? Mudou de nome, pagou caro para se livrar de Onofre Peixoto, foi a primeira coisa que procurou fazer logo que enriqueceu,

justamente para que ninguém mais o achasse, se distanciou por inteiro da família para não precisar enviar dinheiro ou ajudar algum parente necessitado, mas o sobrinho nascera em São Paulo e esse não teve jeito, pois a irmã veio para cá e faleceu ao dar a luz.

No dia seguinte Wilson Jack vestiu sua melhor roupa e maquiou a palidez do rosto para esconder a doença, pois queria receber o sobrinho com aparência saudável.

— Olá meu tio, a muito não o vejo. — Cumprimenta João Manoel Peixoto de Carvalho, que foi acompanhado da esposa Janete.

— Que bom vieram neste dia tão importante, 25 de dezembro, bem é Natal, já tomaram café?

— Sim, mas aceito um pouco de chá. — Respondeu o sobrinho, surpreso pelo convite do tio. A esposa sentou-se e não se serviu de nada.

— Agradeço por terem vindo e obrigado também a você Marcelo, por estar aqui me ajudando com toda a papelada. — Diz Wilson, apertando a mão do advogado, que queria resolver logo e voltar a casa, pois era Natal!

— Bem, tudo certo, meu querido sobrinho venha até a mesa para iniciarmos o testamento, já que é o único herdeiro.

— Testamento? Não estou aqui por causa disso, nunca me passou pela cabeça herdar nada de seus bens. Vamos embora Janete.

— Calma, sente-se, por favor, porque está tão relutante? Vai receber tamanha herança, nunca mais precisará se preocupar com nada, com os estudos das crianças, você tirou a sorte grande!

— Estudos das crianças? — Diz a esposa de Marcelo indignada, nossos filhos já

estão formados e trabalhando, conseguiram graças boa nota do Enem e de um grande amigo seu, Joaquim Aguiar, ele custeou o restante dos cursos dos meninos, pois sabia que não conseguiríamos pagar e nem se importou em receber nada em troca, realmente, ele foi um homem nobre! — Ressalta Janete. — Meu tio, o senhor pelo jeito está com a memória fraca, pois nunca nos ajudou. E foi graças ao senhor Joaquim que meus filhos conseguiram um bom emprego, devemos tudo isso a ele.

— O senhor Joaquim fez muito por nós! Continuou o sobrinho. — Ele pagou todas as despesas médicas de nossa filha caçula quando ela adoeceu e não podíamos arcar com os custos, já que abandonamos o péssimo tratamento oferecido pelo SUS e o Joaquim arcou com as despesas, mas ela iniciou tratamento tardiamente não sobrevivendo. O senhor meu tio quando pedimos empréstimo nos negou, dizendo que não conseguiríamos arcar a quantia elevada nos incentivando ao tratamento pelo SUS. Já se esqueceu de tudo isso?

— Então, justamente para me redimir eu estou disposto a passar toda minha fortuna para seu nome, você será um homem muito rico, não precisará nunca mais se preocupar com a velhice e com a vida de seus filhos, aceite ser meu herdeiro, eu preciso disso. Ontem recebi a visita de um médico, este é meu último Natal com os dias em contagem regressiva e preciso deixar salva minha fortuna, não tenho mais ninguém além de você.

— Não precisamos de seu dinheiro, grita Janete indignada, pensamos que o senhor queria se desculpar com o coração aberto e não pensando somente em seus bens

monetários, o senhor não muda, sempre foi e sempre será avarento!

— Mas o que farei então com o meu dinheiro? Implora o tio.

— Deixe para suas ex-esposas, lembra-se delas? Foram outras duas vítimas que o senhor nunca se importou, primeiro casou-se com Abigail, que deve estar com 80 anos, quando ela completou 50 anos o senhor se separou não pagando pensão e nem ajuda de custo, alegou ao juiz que ela tinha emprego e desta maneira não daria pensão, mas a pobre coitada recebia bem pouco e caso ainda esteja viva deve estar em situação muito ruim. E depois casou-se com Alexandra, que também a abandonou da mesma maneira.

Depois de escutar o que o sobrinho disse das mulheres, Wilson abaixa a cabeça pensativo balançando a cabeça positivamente ao advogado, para que as procurasse para o testamento.

— Vejo que essas duas enfermeiras ainda estão aqui desde a última vez que nos

vimos, pelo jeito parecem boas profissionais, poderia ajudá-las com parte da herança, complementa o sobrinho.

— Bem tio, já terminou, nós vamos embora, não assinarei nada, pois o seu dinheiro agora não trará nossa filha de volta, mesmo pobres temos hombridade! Wilson acrescentou ao testamento também as duas enfermeiras. Sentindo-se com missão cumprida e tudo assinado, ele se sentiu seguro sabendo que a fortuna estava a salvo.

...

Ao acordar, já não estava mais em seu luxuoso quarto, tinha de fato partido da vida terrena, e num piscar de olhos fogo e labaredas cercavam a todos os seres horripilantes!

Cambaleando, Wilson realmente caiu em si, percebendo tardiamente que havia desperdiçado seu último Natal, o último elo da bondade com a eternidade, a última fagulha de esperança e de arrependimento, permanecendo com o coração pequenininho!

Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com



JUNTOS PARA SEMPRE

por Roberto Schima

Conto

Era final de tarde, vinte e quatro de dezembro. O Natal chegaria àquele vilarejo isolado em lugar nenhum.

A alegria, os risos, os presentes, a esperança de um futuro melhor.

Um tempo de amor, paz, fraternidade e união a todos os corações de boa vontade.

Milhares de luzes enfeitavam as casas, faziam pensar em pequeninas estrelas despejadas do céu.

E os flocos de neve caíam, esparsos e tênues a princípio, para realçar o calor emanado das lareiras.

Corpos juntinhos não se soltariam ainda que quisessem, pois era um momento destinado a durar para sempre.

E, no entanto...

... A angústia devorava-me de dentro para fora.

Era uma ratazana nas entranhas de um queijo, e ela roía, cravava seus dentes nojentos, enfiava seu focinho trêmulo e asqueroso, fuçando, cavoucando, comendo, mastigando. Um festim diabólico de gula, leptospirose e pêlos hirsutos.

Que ninguém ousasse falar
comigo!

Eu, Cain MacFear, transformara-
me em filho bastardo do ódio e do
desespero.

Caminhava pelo inferno gelado de
Dante, por entre as almas torturadas do
Hades.

Eu seria capaz de voar na pessoa,
direcionar minhas mãos em garra para o
seu rosto, arrancar sua língua, seus olhos
ou puxar-lhe os cabelos até fazer vir o
escalpo.

Ela não saberia o porquê.

Ela perguntaria: por quê?

E pereceria sem uma resposta.

Nada seria tão liberador quanto
matar... Matar!

Ultrapassada a diáfana fronteira,
não havia retorno.

Eu queria gritar, berrar, urrar!

Sim... Sim... SIM!

Ouçam-me, estrelas!

Eu matei... MATEI!

Extraí a seiva da vida e a planta
murchou diante de mim.

A partir do momento em que seus
olhos se fecharam, tornei-me cego para a
vida.

O calor das cores se desfez e um
punhado de cinza escorreu de minhas
mãos.

O olhar lacrimejante apenas
piorava o meu desespero, tornando a
visão ainda mais turva naquela tarde que
deveria transbordar de felizes
expectativas e uma aconchegante ternura.

Mas não houvera nem uma coisa,
nem outra.

A escuridão chegara mais cedo
naquela estação do ano, trazendo consigo
a neve.

O céu de chumbo apagara a luz do
sol e largara sobre meus ombros o peso
do anoitecer prematuro.

Sentia-me o maior dos
desgraçados e o clima agourento
corroborava ainda mais para isso.

Não era para ter sido assim!

Quando garoto, eu gostava de
observar a neve. Havia todo aquele
romantismo sobre ela e pensamentos que
remontavam à infância, à visão de cartão
postal: o Natal, os telhados brancos, os
pinheirais curvados pelo peso da neve, os
bonecos de cabeça redonda, luzes
coloridas a enfeitar jardins, rostos
ansiosos pelos presentes e o aconchego
de uma família de verdade. Ao passar das
décadas, confesso, fartara-me.

Principalmente por causa do frio, da
desesperança e do sentimento de solidão
que o orfanato transmitia e apossava-se
de meu ser. A falta de cor e calor fora
tomando conta de mim e, aos poucos,
transformara-me em algo semelhante
àquelas árvores: sozinho, encolhido,
curvado pelo frio inclemente.

Até a alma parecia congelar e, de
tão frágil, a menor pancada poderia
estilhaçá-la.

A penumbra cobria-me feito uma
mortalha puída, transformando-me em
sombra.

E, enquanto sombra sem objeto,
desejava apenas ser levado pela ventania
para as regiões profundas e obscuras
onde o tempo transformara um instante
em sutil eternidade.

E eu pronunciei seu nome a
medida em que descia a ladeira.

De lugar nenhum para lugar
algun, perdido para o mundo no
labirinto de mim próprio.

E eu sussurrei entre os gélidos
lábios que, um dia, sentiram a suavidade
morna de sua pele:

— Laura...

Eu descia a longa ladeira pelo
caminho que me levaria até o porto de
Invergordon.

O que pretendia fazer? A
princípio, não tinha a menor idéia.
Somente precisava ir para algum lugar o
mais longe possível de casa, daquelas
visões. Era uma estupidez, pois tais
visões iriam acompanhar-me para
sempre, durasse o sempre o quanto
durasse. Mas eu precisava fazer alguma
coisa a fim de não perder a sanidade mais
do que a loucura já a tivesse tomado.
Então, saí e fui andando e andando em
meio à penumbra.

Não encontraria nada de bom no
porto, àquele horário, naquela
temperatura, à merce da noite que
avançava. E, menos ainda, nas águas
gélidas do oceano às escuras.

Talvez, eu esperasse justamente
isso, não fosse o destino, a divina
providência — ou que nome quisessem
dar — interceptar meu caminho.

Trazia a gola do casaco erguida e o
chapéu de feltro enfiado o mais fundo
possível na cabeça. Em uma das mãos,
portava a faca. Não gotejava mais sangue
e, o que restara na lâmina, congelara-se.
Por que continuava a carregá-la?
Provavelmente, no fundo, torcesse para
que alguém cruzasse o meu caminho.
Ainda havia tanto ódio e tanto desespero
por liberar... Ai do infeliz que aparecesse!

Não nevara o suficiente para
transformar as ruas em escorregadias
pista de gelo e o solado de minhas botas
produziam um baque molhado. Mas
ventava, o que dava uma sensação
térmica de cinco a dez graus Celsius mais
baixa. Entretanto, meus pensamentos
vagavam longe dali e a friagem era tão
somente um detalhe dentro de um
mundo cujo calor perdera-se para mim.

— Laura...

Os postes estavam fincados a
intervalos de cinquenta metros. Suas
lâmpadas, de tão velhas, emitiam uma
luminosidade fraca e não iluminavam o
suficiente de um poste a outro, de modo
que havia trechos intermediários sempre
mergulhados nas sombras.

Aquelas porções de escuridão.

Densas.

Gélidas.

Profundas.

Observavam-me.

Eu não conseguia distinguir coisa
alguma e nem pensara nisso, arrastando-
me que estava dentro de meu próprio
abismo.

Quem poderia dizer de quantos
olhos compunham-se as trevas?

Do âmago do inferno, gritei meu
escárnio:

— Que venham os demônios!

Por que haveria de importar-me?

Pois a escuridão dentro de mim
era maior do que a minha alma poderia
suportar.

E esta, subitamente congelada, já
fora estilhaçada.

Foi alguns metros adiante que eu
avistei a cabine do telefone público.

Não, não foi exatamente assim.

Eu seguia ladeira abaixo sob a nevasca, conforme mencionara, e mal enxergava coisa alguma.

A cabine de madeira escura e teto abaulado ficava no limite entre a luz da iluminação pública e a escuridão entre os postes.

Só dei-me conta de sua existência porque, ao passar diante dela, o telefone tocou.

Ventava muito e, mesmo assim, o som da campainha atingiu-me forte os ouvidos.

Virei-me, sobressaltado.

Uma coincidência absurda.

Uma situação de todo insólita.

Não havia ninguém dentro dela, da cabine, onde as bordas inferiores dos vidros já acumulavam a neve. Tampouco havia alguma moradia por perto. As casas mais próximas, em estilo vitoriano, ficavam no alto das colinas ou ladeira abaixo.

O imbecil discara o número errado.

E a campainha tocava e tocava numa insistência febril.

Fiquei furioso por ser despertado de meu torpor para a amarga realidade.

E o som batia e batia em meus tímpanos como o badalo do sino em uma igreja.

— Idiota!

Tive gana de arrebentar a cabine, contudo, não o fiz.

A pessoa que tornasse a telefonar, desta feita para o número correto. Eu não tinha cabeça para coisa alguma, muito menos atender a uma ligação, fosse ela um engano ou não. Apenas a faca ensaguentada na mão e o desejo insano de explodir faziam-me seguir adiante.

Deixei a porcaria de cabine e telefone para trás.

A campainha silenciou.

Meus ouvidos agradeceram, minha noção de realidade nem tanto.

E a ventania prosseguia a sussurrar e sussurrar dentro da noite, por entre os ramos dos pinheiros e abetos. Era uma voz maliciosa a acusar-me naquele anoitecer de inverno, véspera de Natal.

O frio mordiscava meu rosto e as pernas.

Na distância, as luzes do porto acenavam-me.

Continuei a descer a ladeira como quem percorria os nove círculos do inferno. Mas não havia um Virgílio a me acompanhar. Não existia um guia naquela jornada sem volta.

Laura Grant.

Conheci-a casualmente, enquanto fazia compra em uma antiga mercearia.

Gostava do estabelecimento por seu odor de carvalho velho, o aspecto geral de que pouco mudara desde a sua fundação em fins do século XIX.

Garrafas empoeiradas de *whiskey* enfeitavam as prateleiras mais altas. Diversos tipos de queijo eram exibidos no balcão e um sortimento de frutos do mar atrás de uma vitrine refrigerada. Dava-me uma certa segurança essa impressão de ter parado no tempo, de seu amanhã ser tão previsível quanto o ontem e o agora.

Por mais eremitão que eu fosse, vez ou outra necessitava ir até o centro do vilarejo para adquirir algum artigo necessário ao meu dia-a-dia. Na ocasião, comprara um pouco de salmão defumado, carne de carneiro, *crowdie*, pão,

blueberry, algumas ferramentas e produtos de higiene.

Eu não tinha carro. Lidar com o trânsito não era comigo, ainda que o número de pedestres superasse o de veículos. A meu ver, os automóveis só serviam para sustentar parlamentares vagabundos através de impostos escorchantes, pedágios e multas. Também desagradava-me a idéia de preocupar-me com a manutenção periódica, ser obrigado a dirigir regularmente para não descarregar a bateria e, a todo momento, ter de parar num posto de gasolina e encarar estranhos para abastecer. Perto do oceano ainda havia o agravante da maresia. Não, eu não queria. No meu caso, era dor de cabeça demais para retorno de menos.

Preferia caminhar, preso aos meus pensamentos, além de exercitar as pernas.

Qualquer compra mais volumosa, eu poderia mandar entregar ou — a contragosto — voltar de táxi.

Não poderia ter havido um jeito mais banal de conhecê-la, foi o que a princípio pensei. Dera-me um encontrão incidental na seção de refrigerantes e começara a puxar conversa, queixando-se dos preços.

Em retrospectiva, a medida em que descia a ladeira, percebi que eu fora manipulado desde o princípio. Não havia casualidade alguma.

Eu sempre fora tido por excêntrico: Cain MacFear, o esquisitão, o introspectivo, o sujeito que não se relacionava, preferindo um livro a uma conversa. Não acompanhava modismos e tampouco gostava de ser alvo de atenção. Fora criado em um orfanato desde bebê e jamais adotado. Não tinha amigos e

tampouco namorara até conhecer Laura. Em contrapartida, herdara uma pequena fortuna de um parente distante cuja existência até então ignorara, o que libertara-me das agruras de meu emprego ordinário numa pequena imobiliária.

Sim, a pequena fortuna... Era impossível ser anônimo sobre isso em um pequeno povoado, por mais discretamente que eu levasse a vida. Advogados fofocavam. Bancários cochichavam. Carolas bisbilhotavam.

Eu deveria ter desconfiado.

Todavia, Laura fora a primeira, a única mulher a demonstrar algum interesse por mim; curiosidade pelas coisas que eu gostava e que, aos olhos do resto da humanidade, não passavam de manias e caprichos de uma mente cujos parafusos não se encontravam bem apertados — quando não perdidos. Era impossível para alguém como eu não se deixar hipnotizar por seus modos delicados, sua lisonja, o jeito como o seu indicador brincava com os meus cabelos. Ademais, ela era jovem e bela. Eu diria... radiante!

Em retrospectiva, do fundo do poço em que me encontrava, reconheci: as más línguas estavam cobertas de razão. E eu adoraria espetar cada uma dessas línguas em um assoalho de madeira, como se fossem espécimes de uma coleção de borboletas.

Laura abrira meu coração, escancarara-o para ser mais preciso.

— Meu docinho azedo... — dissera ela para mim, derretendo-me por dentro. — MacFear... Nunca ouvi falar de seu clã.

— Receio que ele nunca quis ser falado... Mas o seu, Grant, é muito antigo e tradicional.

— É apenas um sobrenome. Não mantenho laços familiares.

— É importante, são suas raízes... Eu nunca tive família.

— Em vez de raízes, prefiro ser as folhas arrancadas pelo vento!

Entregara-lhe tudo de mim: meu ser, minha alma, minhas muitas tristezas e poucas alegrias, confessara-lhe os abusos sofridos desde criança, mostrara-lhe o interior de minha casa e, tremendo dos pés à cabeça, declarara meu amor de um modo tão idiota quanto idiota eu era — parte de mim escondendo-se no sótão feito um morcego empoeirado, já a espera do olhar de repulsa, a chacota e a rejeição. Porém, eles não vieram.

Em pouco tempo, o inacreditável acontecera: casamo-nos. Somente no civil, claro, e já fora muito. A partir dali, o comportamento dela mudara. Tornara-se mais e mais distante, mais séria, embora não indiferente ao conforto que o meu dinheiro pudesse proporcionar-lhe. Mais de uma vez a vi discutir com alguém no portão e, ao indagar-lhe sobre o que se tratava, agitara o braço como se espantasse uma mosca e dissera não ser nada.

Eu acreditara ser somente uma fase, a adaptação a uma mudança tão repentina em sua vida.

Mas as conversas ao portão prosseguiram.

Eu acreditara demais...

Só recentemente eu enxergara a verdade.

Em meio a roupas espalhadas pelo chão, apanhara-a em flagrante na companhia de outro homem — aquele do portão — em nossa cama. Ambos

estavam nus como intérpretes do mais vulgar dos contos vulgares sobre adultério.

Era véspera de Natal e eu retornara mais cedo de minhas andanças pelo vilarejo, onde esmerara-me para encontrar o presente perfeito para ela: um pingente de ouro no formato de árvore de natal, encimado por um pequeno diamante representando a Estrela de Belém. Afinal, os diamantes eram eternos, não eram?

Laura era tudo para mim, representava-me o mundo inteiro. Eu jamais me revelara a quem quer que fosse do modo que fiz para ela. Nunca houvera outro alguém. E nunca mais haveria.

Possuído por um ódio cego e demente, avançara. Embora o maldito fosse mais jovem e forte do que eu, pegara-o desprevenido. Acertara-o com uma cadeira de ferro e, em seguida, arrebitara um vaso de louça em sua cabeça. O pingente voou junto aos estilhaços para lugar incerto e não sabido. Havia uma faca sobre o criado-mudo. Apanhara-a, desejando cravar no coração do desgraçado ou afundá-la em sua garganta.

Laura, aterrorizada, gritara incoerências. Havia lágrimas em seus olhos.

"Lágrimas de crocodilo", pensara eu.

De minha parte, só desejava retalhar o maldito. Contivera-me.

Vira o corpo de minha mulher: branco, belo, despido... e maculado.

Novamente, ela tentara falar alguma coisa.

O que haveria para ser dito?

Jogara-a de encontro a parede com tanta força quanto eu pudera reunir, desacordando-a também.

Metodicamente, amarrara os braços e pernas de ambos, amordaçara-os e arrastara os amantes até o porão, deliciando-me raivosamente ao ouvir cada baque de suas cabeças ao baterem nos degraus. Eu ria e chorava. Chorava e ria. E berrava. E xingava. Eu era um ébrio sem uma gota de álcool. Depois, atara seus punhos à viga do teto de tal forma que seus braços ficaram acima de suas cabeças, mas os pés apoiavam-se no assoalho. Sem paciência para aguardar que voltassem a si, atirara baldes de água fria em ambos.

Eles despertaram de seus sonhos direto em meu pesadelo.

Continuava a descer a ladeira.

A percepção de estranheza no final de tarde, no vento, nas sombras, no cair da neve infiltraram-se vagorosamente dentro de mim.

O horror daquilo que eu vira em meu quarto e o horror daquilo que eu próprio fizera ofuscavam qualquer coisa que eu pudesse atinar ao redor.

A noção de tempo deixara de ser linear. Era somente uma massa disforme e pegajosa na qual eu rastejava. Era uma espécie de pântano, um lodo, uma areia movediça da qual não existia fuga possível.

Só quando passei pela segunda cabine telefônica dois quarteirões adiante foi que me dei conta:

A exemplo do caso anterior, o telefone tocou.

Não havia ninguém dentro da cabine ou nos arredores.

A campainha, insistente, chamava e chamava.

E o sino de bronze dentro de minha cabeça soava e soava, badalada após badalada.

Arrepiei-me todo, como se não bastasse o frio desapiedado a minha volta.

Estreitei os olhos, enfiei o chapéu mais para dentro da cabeça, ajeitei a gola do casaco e fui em direção àquele aparelho.

Apesar de seu aspecto de abandono, senti-me confortável no interior da cabine, protegido do vento e da neve, mas não do pântano em minha mente.

E o telefone tocava e tocava.

Mão trêmula, retirei-o do gancho e levei junto ao ouvido esquerdo.

— Alô?

Do outro lado, ouvi muito chiado, estática e algo abafado como o som profundo que a gente ouvia no interior de uma concha marinha. Então, uma voz feminina gritou:

— Ele quer me matar!

Franzi o cenho, tomado pelo calafrio. Senti a firmeza do cabo da faca em minha outra mão.

— Como?

Em meio aos ruídos de fundo, ela repetiu, histérica:

— Ele quer me matar!

— Quem quer te matar?

A ligação foi subitamente interrompida.

— Que droga!

Olhei intrigado para o telefone, queixo caído. O aparelho parecia uma pedra de gelo em minha mão. Sentia-o frio entre meus dedos, apesar da luva.

Recoloquei o telefone no gancho, saí da cabine e segui em frente.

Fora de mim, pus-me a rir.

— Não sou só eu que pensei em matar... *Oh, jingle bells, jingle bells. Jingle all the way!*¹...

Laura quisera falar, todavia, amordaçada, tudo o que conseguira fazer fora grunhir e fitar-me com aqueles olhos suplicantes que eu sentira gana de... Ah, melhor nem dizer. O que ela poderia acrescentar que as imagens gravadas a ferro e fogo em meu peito já não tivessem dito e a imaginação — maldita seja — não houvesse completado? Mentiras! Somente mentiras... Diria qualquer coisa para livrar-se das cordas e secar sua torrente de lágrimas.

Quanto ao desgraçado. Sim, ele acordara, e eu adorara usar o seu estômago como saco de areia, dar um pontapé em sua parte baixa e chicoteá-lo com uma corrente até ver o sangue escorrer. Deliciara-me ao som dos gemidos. Ainda que ambos não estivessem amordaçados e pudessem gritar a plenos pulmões, ninguém iria ouvi-los, pois a ventania era forte e a casa mais próxima ficava a um quarteirão de distância dali. Eu agarrara o rosto dele, fíncara as unhas e pusera-me a marcá-lo com toda força de alto a baixo para nunca mais esquecer. E derramara sal em suas feridas... Ah e em seus olhos! Contorcera-se enlouquecido feito o verme que era. Oh, prazer inominável... Delícia demoníaca! Para aliviar um amor tão grande e subitamente destroçado, somente o extravasar de um ódio desmedido. Se me tivessem dito o quão tênue era a fronteira para o sadismo, eu não teria acreditado. O monstro

adormecido despertara... Monstro! Matéria e antimatéria colidiram numa destruição total. Foram momentos de sofrimento ao pensar no que haviam feito, mas também de puro deleite pelo que eu estava fazendo e o que ainda estaria por vir.

E o monstro em mim berrara e puxara os cabelos da desafortunada criatura até arrancar chumaços.

E socara e socara a cabeça do maldito a ponto de fazer doer minhas próprias mãos, mas não a ponto de fazê-lo desmaiar.

Oh, júbilo! Júbilo!

Oh, desgraçado! Desgraçado!

De qual de nós eu estaria falando?

E qual deles dois deveria sofrer mais?

Que ato seria o bastante para aplacar a minha dor?

E a peça desenrolava-se naquele teatro de puro horror.

Então, seria aquilo o meu tão almejado presente de Natal?

Tal abominação fora-me a oferta da providência ou do destino?

Se era assim que me fora desejado, que eu tirasse o melhor proveito.

Viva o Natal!

A princípio, pensara em fazer Laura sofrer tanto quanto eu sofria, pois ela abrisse completamente meu coração para, depois, destroçá-lo até as fundações de minha amarga existência. Mas ao vê-la daquela maneira, na plenitude despida de sua beleza celta, apesar da dor que me causava e da ira em mim despertada, um resquício de atração e afeto falara mais alto.

Ah, Laura! Eu não esperava que você fosse perfeita.

Eu buscava a perfeição que, até então, já existia em você.

¹ *Jingle Bells*, James Lord Pierpont.

Entretanto, em relação a outra criatura — o maldito —, eu nada sentia além do mais puro, destilado e profundo rancor, o inferno borbulhava-me nas veias, incinerando-me o espírito. Sim, era ele, o desgraçado, quem deveria padecer mil, um milhão de vezes antes de implorar pelo inevitável fim.

Os augúrios levados pelo vento poderiam suavizar meu rosto na forma de uma brisa, ou arrancar meu coração sob a fúria do vendaval. O regozijar da tormenta era a minha gargalhada.

A noite que viria era tão somente uma criança.

E ela chorava copiosamente.

A escuridão pousara seu peso sobre meus ombros.

As luzes das lâmpadas, já fracas, aparentavam ter ficado mais tênues ainda.

Trevas, sombras e penumbras dominavam.

Os flocos de neve, aos poucos, fortaleceram-se e transformaram-se em nevasca.

A ventania batia em meu rosto já enregelado. Uivava fantasmagoricamente. Era o coral dos espíritos do Inverno — a legião dos desgraçados —, e ele sussurrava em meus ouvidos. Falavam. Bramiam. Acusavam.

E eu, transformado em farrapo sem alma, nenhum argumento tinha para contradizer.

E, na noite dos desvalidos, meu corpo trêmulo e impune desfilava solitário.

Procurei acelerar os passos, porém, as pernas pouco ou nada obedeciam.

Outra desgastada cabine telefônica surgiu alguns metros adiante.

Aquela ínfima parte de mim que, pelo instinto, procurava manter a cabeça acima da superfície, ficou cismada. Será que...

... E a campainha do telefone tocou!

Insistente.

Estridente.

Inclemente.

Impertinente.

O som alto e febricitante perfurou-me o cérebro em golpes de furador de gelo.

— Não é possível! — balbuciei entre os dentes rilhados que, de tanto frio, batiam feito uma matraca. — Impossível!

Forcei-me a ignorar e seguir em frente. Era algo estranho demais em um final de tarde que, por si, fora demente o bastante. Tampouco sentia-me em condições de raciocinar com clareza. Um dia, apesar de minhas idiosincrasias, eu fora uma pessoa relativamente lúcida e calma. Tinha pavor daquilo que fugia do rotineiro, de hábitos arraigados, do previsível. Agora, para além da fronteira, minha mente girava em um carrossel de lunáticos. Resmunguei:

— Ligue para a polícia!... Vá pro inferno!

Porque a intuição já me dizia, sabia quem estaria do outro lado da linha.

Entretanto, um impulso irresistível tomou conta de meus pés enregelados. Dirigi-me tal qual um zumbi à cabine cujo estado era tão deteriorado quanto o das outras. Francamente, seu interior mais ameno pareceu-me extremamente convidativo, não obstante o inusitado da situação.

Ah, se não fosse a porcaria de aparelho a tocar e tocar, chamar e chamar. A campainha estridente fazia vibrar meus nervos. E perfurava mais e mais fundo dentro de minha cabeça.

Retirei o telefone do gancho.

Aproximei-o do ouvido.

Interferência.

Chiados.

— Alô?

— Ele quer me matar! — repetiu a mesma voz em meio à estática. — Socorro!

— Ele quem? — perguntei, preparando-me para a ligação ser interrompida.

Mas ela não foi.

— Meu marido. Meu marido quer me matar!

— Por que, minha senhora?

— Ele acha que eu o estou traindo.

— Chame a polícia.

— Eu não posso. Ele...

Aturdido, gritei:

— Então, mate-o primeiro!

A ligação tornou a cair.

Raivosamente, bati o telefone no gancho enferrujado.

— Deixe-me em paz!

Como se eu pudesse ter paz outra vez.

Por fim, na clausura daquelas quatro paredes transformadas em um mundo a parte por força das circunstâncias, eu decidira.

Sim, deliberara sobre quem mais deveria padecer pelo pesadelo no qual eu mergulhara.

Quem mais deveria sofrer, agonizar, morrer mil vezes pelas mil punhaladas que eu levava.

Aproximara-me dos dois infames presos pelas ondas de dor e pelo abraço das cordas.

Arrepiados.

Doloridos.

Nus.

Sacudiram-se inquietos sob a viga, diante de meu olhar e minha férrea determinação. Algo bastante incomum em mim, normalmente tímido e hesitante tal qual um coelho assustado.

Esse "eu" perecera no instante em que em pisara pela última vez no quarto que, um dia, fora nosso.

Sim, Laura Grant MacFear...

Nosso! Oh, Laura!

Laura, a bela Laura. Feita do sol nas montanhas, do vento ininterrupto das *highlands*, do cristalino céu azul e do perfume das flores silvestres a desabrochar na Primavera.

Aquela que trouxera luz às brumas de minha vida.

Aquela que despejara cor nos cinzentos matizes de minha existência.

Aquela que tão abruptamente apagara a chama da paixão a exemplo do Criador que, em um momento de fúria — senão arrependimento — lançara a força avassaladora do Dilúvio sobre todos os seres vivos na Terra.

Oh, Laura... Não, apesar de tudo, o seu sofrimento não seria prolongado.

A minúscula porção de afeto que teimava existir em meu interior assim suplicara.

Fora por isso que, numa rapidez que não daria voz ao arrependimento, segurando firme a faca que apanhara no quarto, eu cortara o seu adorável pescoço de um lado a outro, sob a estupefação de

seu olhar. Laura... E o sangue quente jorrara para o piso gelado do porão num manancial macabro.

Uma risada louca ecoara pelo porão.

Eu olhara para todos os cantos, apreensivo.

Depois, levava uma das mãos aos meus próprios lábios.

A risada fora minha.

Sentira o gosto rubro de Laura em minha boca.

Jamais esquecerei o som arfante por ela emitido; menos uma voz e mais o estertor de quem, um dia, eu devotara a minha paixão.

E o cheiro de sangue ocupara o porão inteiro, tão penetrante, tão característico, tão pegajoso.

Um deleite para vampiros.

O maldito ao lado fora banhado pelo líquido escarlate. Esperneava desesperadamente.

Dirigira-me, então, até a caixa de ferramentas. A seguir, dera-lhe uma martelada em cada joelho, tanto para que parasse de se mexer quanto para o meu puro prazer. Estreava, assim, o martelo novinho, adquirido na mercearia. Seus olhos reviraram-se nas órbitas. Tamanha fora a dor que o verme esgasgara-se com a própria língua.

E essa ambrosia deleitara-me o espírito... Delícia!

Vira o brilho apagar-se devagar do rosto de Laura.

Havia incredulidade, pavor, tristeza, pesar e dor.

Seus olhos grandes e castanhos tornaram-se opacos.

Sentira o calor de seu corpo abandonar-se à friagem do porão.

Ela não se encontrava mais ali.

E aquele punhado de carne marmórea que um dia fora a razão de minha felicidade, ora transformado em fonte rubra, ficara pendurado sob a viga do teto, a exemplo de pernis nos ganchos de açougue.

O desgraçado meio que gemia, chorava e tentava gritar através da cortina de dor, do desespero, dos olhos salgados que não paravam de lacrimejar, do tremor em seu corpo a medida em que mais e mais grãos de sal diluíram-se no sangue de suas feridas. Talvez orasse. A expectativa quanto ao seu destino, trouxera a demência para a sua fisionomia torturada. Uma máscara de terror que, ainda, deveria pagar mil vezes.

Restara somente mais uma coisa a ser feita.

Ainda de forma sistemática, quase anestesiado diante de meus atos pavorosos, eu apanhara outro pedaço de corda e amarrara o corpo mutilado de Laura o mais apertado possível de encontro ao corpo do maldito que a conspurcara. Dera voltas e mais voltas e, por fim, para o ápice de minha obra, esvaziando uma bisnaga de cola instantânea, fizera os lábios de ambos unirem-se em um beijo hediondo, como eles devem ter feito inúmeras vezes na cama — Minha cama! — antes d'eu aparecer.

Assim, com resquícios de sangue a escorrer da garganta de Laura, deixara-os naquele porão, naquela casa que não era mais a minha e cujas lembranças, se um dia falaram da delicadeza, do sonho e do inesquecível, agora traziam-me apenas as trevas de uma amargura tão lancinante que jamais alçariam vôo até o sol novamente.

Deixara a lâmpada acesa, o forno a carvão a crepitar, os amantes a se beijarem.

Enquanto apanhava o chapéu e o casaco, e caminhava até a porta da sala, imaginara o sujeito ainda vivo no dia seguinte e depois no outro e no outro, horas e horas a beijar a carne morta, abraçado a ela, sentindo-lhe as emanções, o cheiro, o gosto, observando-a mudar de tonalidade, a beleza escoar, dissolver, as moscas depositarem seus ovos, apodrecer. Até que, por fim, lá pelo quarto dia — quinto, sendo otimista —, a sede arrancasse o seu derradeiro sopro de vida, caso o sumo putrefato não viesse a satisfazê-lo...

... Glorioso!

Sim, eu terminara.

E o fim terminara comigo.

Mais senhor de mim, pus-me a refletir sobre os enigmáticos telefonemas.

Como seria possível a pessoa discar para diferentes cabines? E exatamente quando eu passava diante delas? E por que faria isso? Olhei a minha volta, imaginando alguém a pregar uma peça. Não havia casas nos arredores, exceto mais acima, entre as árvores nas colinas. Dar-se-ia tanto ao trabalho só para fazer uma piada? Outrossim, encontrando-se em real perigo, o mais sensato dentro daquela insensatez seria a mulher discar às autoridades, conforme eu dissera.

Tudo o que pudesse haver de bom dentro de mim, todo remorso, toda alegria, todo desespero, foi sumariamente destruído. Tornei-me uma casca vazia a vagar sem rumo sobre um caminho que

não me conduzia a parte alguma, exceto às profundezas escuras e frias de um Hades sob o Mar do Norte. Entretanto, eu já me encontrava inserido dentro de meu próprio abismo, uma cela cuja chave se perdera. Assim, que mal maior poderá me afetar?

Senti as pernas cada vez mais pesadas como se em chumbo elas se transformassem.

Não faltava muito para o porto de Invergordon, entretanto, a nevasca piorara e, agora, descer pela ladeira sombria tornara-se difícil.

As árvores já traziam pinceladas de branco.

A neve toldava os arredores numa tela de irrealidade.

Mais além, divisei mais uma cabine.

Dentro de meu torpor, sorri ironicamente.

Não me surpreendi quando o telefone tocou.

Então, caminhei até lá sem contrariedade alguma.

— Alô?

Desta feita, ao contrário das ligações anteriores, não havia estática, chiado ou o som de fundo que fizesse lembrar o interior de uma concha.

A voz de mulher surgiu alta e cristalina como se, em carne e osso, estivesse ali ao meu lado, naquela cabine apertada que, de tão envelhecida, um sopro faria cair.

E, do âmago do abismo, ela falou:

— Era um antigo namorado meu.

Amei-o perdidamente como só uma adolescente apaixonada poderia fazê-lo. Entretanto, ele me traiu em uma aventura passageira. Desgostosa, rompi com ele. Tempos depois, conheci um

homem sensível o qual, a sua maneira de ser, possuía seus encantos. Casamo-nos...

A cabine, embora estivesse fechada, não conseguiu conter a sensação de frio que tomou conta de mim. O braço cuja mão segurava o telefone passou a tremer incontrolavelmente.

Do outro lado da linha, a voz prosseguiu:

— Porém, meu ex-namorado, inconformado, veio até nossa casa pedir perdão. Queria que fugíssemos. Tentou seduzir-me, mas, ante minha recusa, levou-me a força para o quarto e violentou-me...

Calafrio e horror tomaram conta de todo o meu corpo. A escuridão a minha volta adensou, apagando a fraca iluminação pública e das casas distantes. As trevas observavam-me. A nevasca chocou-se violentamente contra a cabine. O vento rugiu fazendo tremer os vidros. Alguns quebraram. A neve invadiu o interior da cabine, rodopiou e fez formar montículos a meus pés. A faca soltou-se de minha outra mão e afundou em silêncio. Eu não quis mais saber e nem ouvir o que aquelas palavras diziam. Desejei afastar o telefone de junto ao ouvido. Queria sair dali, correr daquela voz, rolar ladeira abaixo, porém, uma força maior manteve-me no lugar, prisioneiro de meu próprio destino.

A voz sussurrou.

E havia uma infinita tristeza naquela voz:

— Foi quando você apareceu, sem dar-me tempo para explicar... meu docinho azedo.

E foi assim, em meio a um grito de desespero — que, de humano, pouco havia —, que a noite, o vento e a neve da verdadeira verdade desabaram sobre mim.

Dizem que somos frutos de nossas escolhas. Infelizmente, por vezes, os frutos apodrecem no pé antes de amadurecerem.

Poucas horas antes do raiar do sol, fui encontrado por outro pobre diabo solitário que passava.

Eu estava coberto por uma camada de meio metro de neve, contudo, mantivera o braço do telefone esticado e fora da cabine cuja porta fora despedaçada.

Enrijecera-me feito um bloco de granito. Morto.

Infarto ou hipotermia seria uma questão de conjectura.

O rosto transformara-se na máscara de uma tragédia sem fim.

Houve imensa dificuldade em desgrudar meus dedos do aparelho.

Os curiosos perguntaram-se o porquê de eu ter morrido daquela maneira, segurando um telefone cuja linha — por toda a extensão da ladeira — deixara de funcionar havia vários anos.

As rodadas de *whisky* nos *pubs* teriam material para muita conversa, relegando *Nessie* a um segundo plano temporariamente.

Naquele momento, o policial que estava atendendo a ocorrência, num impulso sem sentido — como se algum sentido houvesse naquela situação — levou o aparelho junto ao ouvido. Não havia nada, como seria de se esperar, somente a escuridão, a neve e o silêncio quebrado pelo uivo do vento distante.

Repentinamente, ele ouviu alto e claro:

— Meu Deus, eu a matei!
Era uma voz masculina.

Fazia lembrar um enredo de "Além da Imaginação"² ou um conto de Richard Matheson.

Era a voz de uma angústia pungente. A voz de alguém condenado a reviver todos os últimos acontecimentos para além da eternidade.

O policial berrou, assustando aqueles a sua volta.

O aparelho, largado, balançou de um lado a outro feito um homem recém-enforcado.

Por trás do nevoeiro de minha tragédia, fez-me pensar em um outro homem, pendurado na viga do teto de um porão, cujo terror mal acabara de iniciar...

... enquanto o meu, jamais encontraria um fim.

E o Natal chegou naquele vilarejo isolado em lugar nenhum.

A alegria, os risos, os presentes, a esperança de um futuro melhor.

Um tempo de amor, paz, fraternidade e união a todos os corações de boa vontade.

Milhares de luzes enfeitavam as casas, faziam pensar em pequeninas estrelas despejadas do céu.

E os flocos de neve caíam, esparsos e tênues a princípio, para realçar o calor emanado das lareiras.

Corpos juntinhos não se soltariam ainda que quisessem, pois aquele era um momento que iria durar para sempre... todo o sempre.

² *The Twilight Zone*, Rod Serling, 1959/1964.

Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que hoje me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: *Google*, *Yahoo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2

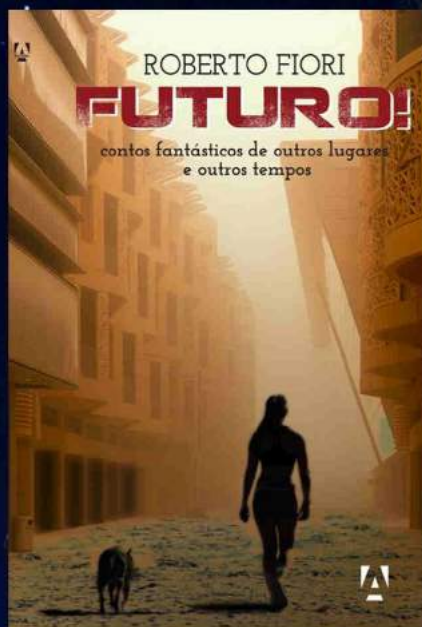
<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

LAL

Criada em 2015, tornou-se
uma das principais revistas
literárias do país

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com